

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Campus Litoral Norte
Licenciatura em Geografia – EaD

Vanessa Nascimento dos Santos

Estudo Preliminar para o Turismo de Base Comunitária na Barra do Rio Tramandaí,
RS

Tramandaí
2023

Vanessa Nascimento dos Santos

Estudo Preliminar para o Turismo de Base Comunitária na Barra do Rio Tramandaí,
RS

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Geografia do Campus Litoral
Norte da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Ney Fett Júnior

Coorientadora: Lucimar de Fátima dos
Santos Vieira

Tramandaí
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Vanessa Nascimento dos
Diagnóstico preliminar para o Turismo de Base
Comunitária, na barra de Tramandaí e Imbé, RS /
Vanessa Nascimento dos Santos. -- 2022.
78 f.
Orientador: Prof. Dr. Ney Fett Júnior.

Coorientadora: Profa. Dra. Lucimar de Fátima dos
Santos Vieira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Turismo de Base Comunitária. 2. Pesca
Cooperativa. 3. Barra do Rio Tramandaí. I. Fett
Júnior, Prof. Dr. Ney, orient. II. dos Santos Vieira,
Profa. Dra. Lucimar de Fátima, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Vanessa Nascimento dos Santos

Estudo Preliminar para o Turismo de Base Comunitária na Barra do Rio Tramandaí,
RS

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Geografia, do Campus Litoral
Norte da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Ney Fett Júnior

Coorientadora: Lucimar de Fátima dos
Santos Vieira

Aprovada em Tramandaí, 23 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ney Fett Júnior - orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. Olavo Ramalho Marques
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. André dos Santos Baldraia Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Dedico este trabalho de conclusão a meus pais (Maria e Milton) e meu filho (Juan), pelo apoio e pela compreensão ao longo das minhas escolhas. Com o carinho e a dedicação que sempre me ofereceram, e pela confiança que depositaram em mim, dedico-lhes mais essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos cuidados minuciosos de meu orientador, Ney Fett Júnior, e minha coorientadora e coordenadora do curso, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, que, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, dedicaram paciência e sabedoria. Aos professores e tutores da UFRGS que puxaram minhas orelhas para que eu sempre perpetrasse o meu melhor durante esses anos na faculdade.

Lembro as saídas de campo, que foram de grande aprendizado, sem as quais talvez não tivesse tanto entusiasmo para seguir em frente, meu imenso obrigado aos professores André, Dakir, Dilermando, Guilherme, Ney, Lucas e Sinthia, que se dispuseram, ao longo dos trajetos dentro e fora do ônibus, a trocar suas experiências e conhecimentos.

Agradeço também a meus entrevistados e todos que fazem parte do projeto Botos da Barra, que me receberam de braços abertos – em especial, ao coordenador do projeto, Ignácio Maria Benites Moreno, que me acolheu e apresentou o quanto a pesca cooperativa com os botos é tão especial e incrível!

Ao longo do trabalho, encontrei pessoas que engrandeceram ainda mais a pesquisa, que apoiaram e me ajudaram a transformar algumas ideias que propus – talvez eu esqueça de alguém, mas não posso deixar de citá-los – então meu muito obrigada para: Tiago Corrêa, Maurem Sechinski e Antônio Vetter.

Agradeço a todos meus amigos e colegas que UFRGS me presenteou, em especial aos que sempre fizeram parte dos grupos de trabalhos: Josiane Barbieri, Fernanda S. dos Santos, Ellen Franco, Marília Pereira. Cito também aqueles que trilharam caminhos diferentes e guardo no coração: Débora, Karine e Flávio. Também agradeço a alguns amigos, que estavam presentes nas horas mais delicadas: Pedro Boeira e Diônathan de Oliveira, obrigada pelas correções ortográficas.

A meus pais (Maria e Milton) e meu filho (Juan), pelo incalculável estímulo, pela tolerância e pelos conselhos que me guiaram nos meses mais difíceis, e também pelo carinho e pelo amor. E por meu empenho, com a companhia de chocolates, cafés, energéticos e do cobertor, presente nas noites mal dormidas digitando este Trabalho de Conclusão de Curso.

“[...] O boto no meio do rio, que cerca o peixe que entra,
a margem o homem a espera, de um sinal pra jogar a
tarrafa...”

Autor: Luiz Ricardo de Borba Santhelen (trecho da
Música do Pescador).

RESUMO

O estudo tem como temas principais o Turismo de Base Comunitária e a pesca cooperativa na barra do Rio Tramandaí, no litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul. O objetivo geral consiste em elaborar um diagnóstico preliminar sobre a possível implantação do Turismo de Base Comunitária na área de estudo, com foco na pesca cooperativa da tainha, que envolve a interação entre botos e pescadores de tarrafa. Os objetivos específicos são: analisar, por meio de entrevistas, a percepção de visitantes, donos de restaurantes, profissionais do ramo turístico e pescadores, sobre os temas do trabalho; observar e identificar fragilidades e potencialidades da barra do Rio Tramandaí; e sugerir ações para a implantação do Turismo de Base Comunitária na área de estudo. A pesquisa exploratória qualitativa envolveu levantamento bibliográfico sobre os assuntos, com a subsequente elaboração de formulários para a coleta de dados. Também foi realizado trabalho de campo, com a observação de características da barra do Rio Tramandaí. Assim, apesar da carência de infraestrutura no local, identifica-se grande potencial para a prática do Turismo de Base Comunitária fundamentado na pesca cooperativa, constituindo alternativa importante para a conservação ambiental e cultural, com o fortalecimento da comunidade tradicional dos pescadores de tarrafa.

Palavras-chaves: Turismo de Base Comunitária. Pesca Cooperativa. Barra do Rio Tramandaí.

ABSTRACT

The main themes of the study are Community Based Tourism and cooperative fishing on the mouth of the Tramandaí River, on the north coast of the State of Rio Grande do Sul. The general objective is to elaborate a preliminary diagnosis on the possible implementation of Community Based Tourism in the study area, with a focus on cooperative mullet fishing, which involves interaction between river dolphins and net fishermen. The specific objectives are to analyze, through interviews, the perception of visitors, restaurant owners, tourism professionals and fishermen, on the themes of the work; observe and identify weaknesses and strengths of the mouth of the Tramandaí River; and suggest actions for the implementation of Community Based Tourism in the study area. The qualitative exploratory research involved a bibliographic survey on the subjects, with the subsequent elaboration of forms for data collection. Field work was also carried out, with the observation of characteristics of the mouth of the Tramandaí River. Thus, despite the lack of local infrastructure, great potential is identified for the practice of Community Based Tourism based on cooperative fishing, constituting an important alternative for environmental and cultural conservation, with the strengthening of the traditional community of net fishermen.

Keywords: Community-Based Tourism. Cooperative Fishing. Mouth of the Tramandaí River.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	14
3	A PESCA ARTESANAL E COOPERATIVA NA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ E O PROJETO BOTOS DA BARRA.....	24
4	CARACTERIZAÇÃO DA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ	30
5	PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS E METODOLÓGICOS.....	34
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	36
7	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E OBSERVAÇÕES DE CAMPO	53
8	SUGESTÕES DE AÇÕES PARA IMPLANTAÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)	62
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
	APÊNDICE A.....	72
	APÊNDICE B.....	74
	APÊNDICE C.....	75
	APÊNDICE D.....	76
	APÊNDICE E.....	77

1 INTRODUÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC), ou Turismo Comunitário, é uma atividade econômica diferente do turismo de massa, na qual a comunidade¹ local é a protagonista. É preciso que cada indivíduo da comunidade se desprenda de opiniões engessadas para perceber as demandas locais, fazendo com que o grupo se conscientize de sua responsabilidade social, incentivando a cultura tradicional e étnica de seus habitantes. Tem como principais características: 1) a gestão coletiva; 2) a transparência no uso e na destinação dos recursos naturais e econômicos; 3) o respeito às heranças culturais e costumes de vida do local; 4) o diálogo entre a comunidade envolvida e os visitantes; e 5) a conservação da sociobiodiversidade.

Além de conservar a sociobiodiversidade, o trabalho da comunidade contribui financeiramente para o sustento das famílias que participam do TBC, uma vez que recebem o turista, mostram a importância da proteção da natureza, os hábitos e costumes locais, e exercem algumas funções – como guia turístico. No Brasil, a experiência do Turismo de Base Comunitária propicia ao turista participar de danças culturais e rodas de conversa, aprender a construir casas, comer pratos típicos, vivenciar o dia a dia, conhecer a história da comunidade, entre outras práticas. Os locais ideais para o Turismo de Base Comunitária são áreas prioritárias de conservação da natureza e onde residem, vivem e/ou trabalham povos originários, quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais, entre outras comunidades tradicionais.

Uma dessas áreas são as águas costeiras e estuarinas do Oceano Atlântico Sul Ocidental, onde ocorre a pesca cooperativa entre os botos e os seres humanos. Esse fenômeno é registrado nos estados de Santa Catarina – no município de Laguna – e Rio Grande do Sul – na barra do Rio Tramandaí, divisa entre os municípios de Tramandaí e Imbé.

Denominada Capital Nacional dos Botos Pescadores, Laguna abriga cerca de 50 cetáceos conhecidos como “Boto da Tainha” ou “Nariz de Garrafa”. A pesca cooperativa com auxílio dos botos foi reconhecida pela Fundação Catarinense de Cultura como Bem Cultural de Natureza Imaterial ou Intangível de Santa Catarina.

¹ Conjunto (grupo) de pessoas que vivem numa mesma região, com o mesmo governo, e que partilham as mesmas tradições históricas e/ou culturais (MICHAELIS, 2023).

Na barra do Rio Tramandaí, a pesca cooperativa envolve a interação entre pescadores artesanais de tarrafa e os botos-de-Lahille. No Rio Grande do Sul, a Pesca Cooperativa é considerada como de Relevante Interesse Cultural pela Lei Estadual Nº 15.546/2020 (RIO GRANDE DO SUL, 2020). Os botos-de-Lahille da barra do Rio Tramandaí são declarados Patrimônio do município de Imbé desde 1990, pelo Decreto Nº 049/1990 (IMBÉ, 1990) e estão listados na categoria “vulnerável à extinção”, em 2014, pelo Decreto Estadual Nº 51.797/2014 (ILHA et al, 2018). Por fim, a Lei municipal nº 4149/2017 considera a Pesca Profissional Artesanal como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial no município de Tramandaí.

A escolha do tema partiu da curiosidade da autora em conhecer o projeto Botos da Barra e da possibilidade de que os pescadores possam protagonizar o Turismo de Base Comunitária, de modo a estruturar essa atividade econômica, devido à forte vinculação com a conservação da natureza e o desenvolvimento local. A participação em trabalhos de campo e oficinas relacionadas ao assunto foi primordial para o entendimento e a proposição da metodologia da pesquisa. A partir desses fatos, surgem questões a serem respondidas: a pesca cooperativa pode ser uma forma de Turismo de Base Comunitária na barra do Rio Tramandaí? Os diferentes atores relacionados direta e/ou indiretamente à pesca cooperativa conhecem o Turismo de Base Comunitária?

Na área de estudo, o Turismo de Base Comunitária pode contribuir para a conservação ambiental e o fomento à economia da comunidade dos pescadores artesanais de tarrafa, além de fornecer subsídios para a continuidade da pesca cooperativa. No futuro, esse tipo de iniciativa pode servir de modelo para outras comunidades tradicionais do litoral gaúcho.

O objetivo geral da pesquisa é elaborar diagnóstico preliminar para a implantação do Turismo de Base Comunitária na barra do Rio Tramandaí. Assim, os objetivos específicos são: 1) analisar, por meio de entrevistas, a percepção de moradores, visitantes, pescadores, donos de restaurantes e empresários do ramo turístico sobre o TBC, a pesca cooperativa e os botos; 2) observar e identificar fragilidades e potencialidades da barra do Rio Tramandaí; e 3) sugerir ações para a implantação do TBC na área de estudo.

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos. O primeiro faz breve revisão teórica sobre o Turismo de Base Comunitária. O segundo capítulo apresenta dados

sobre a pesca artesanal, a área de ocorrência e a interação entre pescador e boto. Na terceira parte do trabalho, é apresentada a caracterização da barra do Rio Tramandaí. No quarto capítulo estão descritos os procedimentos operacionais e metodológicos. Por fim, o último capítulo traz a análise dos resultados obtidos nas entrevistas, assim como das fragilidades e potencialidades do local para a implantação do Turismo de Base Comunitária.

2 O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001), o turismo compreende uma das atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período contínuo inferior a um ano. Os tipos de turismo são diferenciados de acordo com a intenção do deslocamento. A OMT (2001) classifica os segmentos de turismo em: turismo social, ecoturismo, turismo cultural, turismo de estudos e intercâmbio, turismo de esportes, turismo de pesca, turismo náutico, turismo de aventura, turismo de sol e praia, turismo de negócios e eventos, turismo rural, turismo de saúde e turismo de base comunitária.

O consumo pelo turismo é intermediado por inúmeras formas de consumo, entre as quais podem-se listar os meios de transporte, de hospedagem e de restauração (estabelecimentos comerciais do ramo alimentício), o setor de agenciamento da atividade, os serviços bancários, o comércio de bens de consumo de modo geral. O consumo dos territórios pelo turismo envolve o consumo de um conjunto, indissociável, de bens e serviços que compõem o “fazer turístico”, isto é, o ato de praticar turismo e tudo aquilo que essa prática envolve, em termos de objetos e de ações (CRUZ, 2007, p. 9).

O turismo de massa está ligado a diversos tipos de atividades turísticas, e se constitui de aglomerado de pessoas que vão a determinados lugares em excursões, tornando o local visitado mais repleto do que o habitual. Ainda que temporário, o aumento populacional pode produzir impactos ambientais negativos. Esse cenário vem sendo modificado, desde a década de 1970, para incorporar a consciência socioambiental, de acordo com Ruschmann (1997):

[...] os gestores, técnicos e profissionais do turismo, passaram a considerar os problemas ambientais no processo de planejamento. As mudanças na consciência socioambiental, motivadas pelos ambientalistas, pelas conferências globais de meio ambiente e pelas denúncias de impactos e acidentes ambientais em todo o mundo, produziram resultados no setor turístico e nas políticas públicas a ela associadas. Assim, a natureza e as comunidades receptoras, que antes eram ignorados, tornaram-se elementos fundamentais na análise da viabilidade dos processos turísticos (RUSCHMANN, 1997 apud NASCIMENTO E LIMA, 2020, p. 29).

De acordo com Cruz (2007, p. 21) “a atividade turística tem uma inquestionável capacidade de transformar os lugares em função de seus interesses, não raras vezes escusos e estranhos aos locais dos quais se apropria”. Segundo Lobo (2013 apud

NASCIMENTO E LIMA, 2020), existem duas consequências importantes do turismo em geral:

[...] a primeira compreende os benefícios econômicos da atividade turística; a segunda são os problemas decorrentes da atividade, como a exploração neocolonial, a degradação ambiental e os prejuízos à cultura local. Nesse contexto, surgem alternativas, com destaque para o Turismo de Base Comunitária, que é uma forma de planejamento e execução sustentável da atividade (LOBO, 2013 apud NASCIMENTO E LIMA, 2020, p. 31).

A Fundação WWF Brasil (*World Wildlife Fund*) foi uma das pioneiras a conceituar o Turismo de Base Comunitária, trazendo um olhar sobre o turismo mais responsável e sustentável, com foco em ambientes naturais, denominado Ecoturismo de Base Comunitária. Segundo a WWF Brasil, o TBC “*é o turismo realizado em áreas naturais, determinado e controlado pelas comunidades locais, que gera benefícios predominantemente para estas e para as áreas relevantes para a conservação da biodiversidade*” (WWF BRASIL, 2003 apud FABRINO, 2013 p. 30).

De acordo com Nascimento e Lima (2020), o Turismo de Base Comunitária pode ser chamado também de Turismo Comunitário ou Turismo de Base Local. Coriolano, Sansolo e Bursztyn (2009 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020, p. 33) entendem que a comunidade é protagonista no TBC, ou seja, “*é a principal responsável por seu desenvolvimento, destacando a importância da participação social na articulação e no gerenciamento da atividade*”. Assim, é uma modalidade que:

[...] se baseia na participação da comunidade local nos processos de planejamento, implantação e avaliação da atividade turística. Além disso, também promove a vivência do cotidiano, com sua história, lazer, cultura religiosa, gastronomia e artesanatos distintos, fortalecendo ainda mais as relações interpessoais dos turistas junto à comunidade local. Apresenta-se, portanto, como um tipo de turismo que pode contribuir com o desenvolvimento econômico e social e que valoriza a cultura local, a autonomia do ser humano e a conservação do ambiente (BARRETO et al., 2017 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020, p. 34).

Este tipo de turismo é uma viagem aos locais que sofreram pouca interferência da ação humana, e visa conservar o meio ambiente e promover o bem-estar da comunidade local. O Turismo de Base Comunitária também está ligado diretamente com: a conservação do patrimônio natural e cultural, associada à participação da comunidade e à consciência ambiental do turista; a promoção da reflexão e interação do turista com a natureza, levando o visitante a se envolver com a conservação dos

recursos naturais, o contexto socioeducacional e o desenvolvimento econômico do local (MTUR, 2007; BORGES, 2018).

À medida que a comunidade vai se sentindo envolvida, torna-se mais motivada em relação a sua participação e inserção no processo. Além disso, pode ocorrer o desenvolvimento do senso de responsabilidade necessário ao cumprimento da tarefa de ser guardião dos patrimônios natural, histórico e cultural, encontrados no município (MAGALHÃES, 2002, p. 90 – 91 apud PUGEN, 2018, p. 71).

Fabrino (2013) traz referências de importantes autores, como Coriolano, Sansolo, Bursztyn e Irving, que apontam o protagonismo das comunidades locais – sobretudo, na oferta de bens e serviços turísticos – como a essência do conceito de Turismo de Base Comunitária. Nos programas oficiais de fomento, o TBC é apresentado como uma proposta ligada ao turismo sustentável e ao desenvolvimento local.

De acordo com Coriolano (2006 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020), o protagonismo do Turismo de Base Comunitária, como contrapartida ao turismo em massa, é:

[...] uma resposta dos moradores locais aos impactos da atividade massiva, globalizada, habitual e orientada ao acúmulo de capital, predominante há muitas décadas. O turismo convencional tem causado grande impacto na vida das comunidades, com a construção de diversos empreendimentos no ramo imobiliário, ocasionando a mudança ou a exclusão dos moradores locais, além do aumento do valor dos terrenos para o lazer e a exploração econômica da renda e da força de trabalho (CORIOLANO, 2006 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020, p. 31).

De acordo com Ganzarolli (2019), o Turismo de Base Comunitária ocorre em vários países do mundo. Essa modalidade é mais do que apenas visitar as comunidades tradicionais, pois valoriza a cultura do local, gerando emprego e renda para os moradores. Os turistas se conectam com a essência do local e com outras pessoas, vivenciam trocas de experiências e ficam mais próximos de uma cultura.

No Turismo de Base Comunitária, o protagonismo da comunidade é essencial para a tomada de decisões ao longo do processo, mantendo a equidade social, pois beneficia todos os envolvidos. Além disso, solidariedade e cooperação precisam estar acima dos interesses pessoais. As informações ambientais, financeiras, políticas e outras relacionadas ao TBC devem ser transparentes e estar à disposição dos diferentes atores envolvidos com a atividade – comunitários, gestores de Unidades de Conservação (se ocorrer em seu interior), representantes da sociedade civil

organizada e instituições privadas. Por fim, também deve ocorrer a partilha cultural dos atores, ou seja, proporcionar oportunidades de trocas de experiências, saberes e outros conhecimentos entre as diferentes culturas e modos de vida, sempre que for de interesse da comunidade (IBIO, 2018).

O Turismo de Base Comunitária contribui para a geração de renda e o fortalecimento e valorização dos ofícios e modos de vida locais. Deve ser concebido como processo educativo para todos os envolvidos: as atividades ofertadas devem proporcionar ao visitante e às comunidades experiências que estimulem os sentidos e a reflexão, contribuindo para o aprendizado e o conhecimento do patrimônio natural e histórico-cultural existente e influenciando positivamente vivências futuras (IBIO, 2018).

Lobo (2014 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020) considera importante que a comunidade tenha uma renda própria, gerada pela atividade do TBC e mantida no local, incentivando sua economia. Maldonado (2009 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020) afirma que o turismo não deve competir, nem suplantar, as atividades tradicionais, mas se tornar complemento da economia. Assim, o TBC vem para agregar valor econômico local, visando complementar a renda dos protagonistas da comunidade e demais atores e, a longo prazo, conscientizar sobre a importância da conservação ambiental e cultural.

O Instituto BioAtântica (IBio) criou o Manual Caiçara do Ecoturismo de Base Comunitária (Figura 1), no qual aborda o conceito de TBC “O Turismo de Base Comunitária é o tipo de turismo no qual a comunidade organiza e presta serviços para os visitantes, tais como: trabalhar como “guia” local, levar para pescar, para conhecer a roça, a casa de farinha, oferecer hospedagem, alimentação, etc. (IBIO, 2018, p. 5)”. Isso envolve a valorização da história e da cultura dos povos e comunidades locais, seus princípios, planejamento, operação, supervisão e desenvolvimento, sempre destacando os conceitos de sustentabilidade e protagonismo da comunidade (IBIO, 2018).

Figura 1 – Capa do Manual Caiçara de Ecoturismo de Base Comunitária.



Fonte: IBio (2018).

Ressaltam-se alguns princípios do TBC, como a conservação da biodiversidade, com destaque para: fazer atividades de baixo impacto no local; optar por hospedagens e meios de transporte que reduzam a emissão de resíduos e poluentes no meio ambiente; viajar em pequenos grupos e em curto período; participar de atividades com a comunidade local, pois sua história e cultura são elementos relevantes na atividade turística abordada. Essas orientações podem ser úteis para a identificação da prática do Turismo de Base Comunitária. Grimm e Sampaio (2011, p. 60) destacam o que o turista procura com esse tipo de turismo:

[...] conhecer a cultura, os hábitos da população, a natureza e a história dos locais visitados, e ainda que: estas vivências consistem em viver intensamente a experiência. O turista deve deixar de lado o papel de espectador passivo, se engaja na cena e se torna o protagonista, isto é, passa a contracenar, a ver, sentir algo no cenário (2011, p. 60).

É fundamental conhecer o Turismo de Base Comunitária para criar uma relação entre a atividade turística e o local. Nascimento e Lima destacam (2020):

[...] visando o equilíbrio na relação da atividade turística com o ambiente, a cultura e sociedade local, a fim de proporcionar um desenvolvimento de maior qualidade e inclusão, pois algumas regiões do país não possuem potencial industrial ou de serviço, e encontram no turismo uma oportunidade de geração de renda (NASCIMENTO e LIMA, 2020, p. 16).

Maldonado (2009 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020) menciona:

O Turismo de Base Comunitária tem início na década de 1980, a partir de um experimento realizado com poucos visitantes em algumas comunidades, ligado a questões econômicas, sociais, culturais e políticas. Podem ser citadas quatro questões importantes que ocorrem em alguns locais turísticos, são elas: “pressão dos empreendedores em empreender sob áreas turísticas, as necessidades econômicas da comunidade, a importância das pequenas empresas e a conservação do local” (MALDONADO, 2009 apud NASCIMENTO e LIMA, 2020, p. 32).

No Brasil, o Turismo de Base Comunitária é realizado por meio de projetos consolidados e iniciativas de organizações sociais. O surgimento de segmentos turísticos voltados à conservação da biodiversidade, à economia e à cultura das comunidades ocorreu durante as décadas de 1970 e 1980 (SOUZA, 2019).

De acordo com Cruz (2007), o Turismo de Base Comunitária no Brasil constitui uma forma de turismo em que a comunidade local assume a liderança e o desenvolvimento dessa atividade em seus territórios. Nesse contexto, podem ser mencionadas as iniciativas a seguir:

O município de Silves, no Amazonas, tem vários lagos, ricos em peixes, que foram ameaçados por uma exploração impulsiva. Para a comunidade local, os lagos são muito importantes. Cruz (2007) revela que os setores progressistas da Igreja Católica do município incentivam a comunidade local a se unir em prol da proteção de seus recursos, sobretudo o ecossistema lagunar e a ictiofauna. Criada em 1993, a ASPAC (Associação de Silves para a Preservação Ambiental e Cultural) possibilitou que a comunidade solicitasse recursos junto a organismos governamentais e não governamentais. Em 1994, recebeu o apoio financeiro do governo da Áustria e da WWF-Brasil (*World Wildlife Fund*), com a criação da Pousada Aldeia dos Lagos, administrada pela comunidade local. A comunidade recebeu capacitações para seguir com o propósito da hospedagem:

A atividade do turismo é utilizada pela população de Silves como alternativa à pesca comercial e predatória. Ao ocupar o pessoal ribeirinho em atividades diretamente relacionadas ao hotel e aos passeios oferecidos aos visitantes, o turismo gera renda no lugar, além de possibilitar a conservação de um de seus mais importantes recursos naturais, que provê o peixe, que está na base da alimentação dessa população. É por isso que Silves pode ser considerado

um exemplo concreto de como a atividade do turismo pode ser um instrumento do desenvolvimento local (CRUZ, 2007, p. 105).

Na Prainha do Canto Verde, localizada no município de Beberibe, no Ceará, a comunidade é formada por pescadores artesanais, que vivem nas terras há gerações, porém sem escrituras. Assim, enfrentam disputa acirrada com a especulação imobiliária, que insiste em explorar o local. Depois de conhecer as dificuldades da comunidade pesqueira, o executivo René Schaer, introduziu o Turismo de Base Comunitária na Prainha do Canto Verde, como menciona Cruz (2007):

A partir do uso de técnicas de planejamento participativo, a comunidade é estimulada a pensar criticamente o uso de seu território e o desenvolvimento do turismo. Foi a comunidade que decidiu não querer um turismo massivo. As casas dos pescadores foram adaptadas para receber turistas, sendo construídos apartamentos independentes, com banheiros que, embora simples, são limpos e aconchegantes. A comunidade, articulada, tem conseguido impedir a entrada de especuladores, ao construir uma espécie de “pacto social”, pelo qual todas as famílias se comprometem a não vender seus imóveis para sujeitos estranhos ao lugar. A pesca continua sendo a principal atividade econômica da comunidade e o turismo uma atividade complementar. A renda gerada pelo turismo de base comunitária dinamiza a economia local e fortalece os laços sociais entre os membros da comunidade (CRUZ, 2007, p.106).

O projeto Acolhida na Colônia é uma associação de Agroturismo Ecológico, fundada em 1999 no Estado de Santa Catarina, que está integrada à Rede *Accueil Paysan*, atuante na França, desde 1987. Tem como proposta valorizar o modo de vida no meio rural através do agroturismo ecológico. Segue a proposta do Turismo de Base Comunitária: os participantes abrem suas casas para o convívio entre agricultores e visitantes, que vivenciam o dia a dia, compartilhando suas histórias e cultura. As hospedagens são acompanhadas de conversas na beira do fogão à lenha, culinária tradicional e passeios. Prezam pela responsabilidade com a natureza, praticando e promovendo a agricultura orgânica como base (COLÔNIA, 1999).

O Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, criado em abril de 1999, é uma organização social fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, que realiza atividades através de programas de pesquisa sobre manejo de recursos naturais e desenvolvimento social no Amazonas. O Instituto Mamirauá assessora comunidades locais para a prestação de serviços turísticos na Pousada Flutuante Uacari, que é uma das iniciativas do programa de Turismo de Base Comunitária. A região também conta com um grupo de pesquisadores que monitora a população de golfinhos de rio dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável

(RDS) Mamirauá, uma área protegida e distante de ameaças, como garimpo e hidrelétricas (MAMIRAUÁ, 1999).

Em 2007, foi criada a Associação de Turismo Rural Solidário Morro Agudo, no município de Santo Antônio da Patrulha, no Rio Grande do Sul. Depois de um ano, transformou-se no projeto “Rede de Turismo Rural de Base Comunitária”, captado por uma rede de parceiros públicos e privados. De 2009 até 2011, obteve financiamento do Ministério do Turismo e, a partir de 2012, recebeu apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Apresenta dezesseis empreendimentos em funcionamento e aptos ao receptivo turístico. No início do projeto, as comunidades propuseram três roteiros: 1) roteiro integrado das comunidades do Morro Agudo e Roça Grande; 2) roteiro integrado das comunidades de Palmeira do Sertão e Alto Ribeirão; e 3) roteiro do Monjolo. A consolidação desses roteiros e a união entre as comunidades resultaram na recuperação de espaços, no fortalecimento da solidariedade, da cooperação e na valorização do histórico-cultural das comunidades (CUNHA, 2014).

Em Ilhabela, no litoral norte de São Paulo (Baía dos Castelhanos), ficam as praias mais bem conservadas do estado, onde vivem as comunidades tradicionais caiçaras há muitos anos. Os moradores se organizam em um núcleo de turismo, que lançou o projeto Turismo Comunitário dos Castelhanos, em 2017. Oferece trilhas guiadas, passeios de barco e canoa, hospedagem, culinária local, oficinas de artesanato e conversas. O objetivo é gerar impactos positivos com a atividade turística, tornando-se um instrumento para a conservação do meio ambiente e o fomento da economia local. Foram realizadas capacitações para os moradores, com a elaboração do programa “TBC Castelhanos: Fortalecimento e Desenvolvimento Sustentável”, concebido pela Maembipe Ecoturismo Consultoria e Pouso Sambaquis, com o apoio da Garupa, resultando na “criação de um cardápio de experiências autênticas, que permitem aos visitantes uma imersão completa na cultura e nas tradições caiçaras” (GARUPA, 2018).

Em 2003, com a criação do Ministério do Turismo, algumas organizações foram reconhecidas, obtendo o incentivo governamental (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). No mesmo ano, foi criado o evento denominado Encontro de Turismo de Base Local (ENTBL), no qual o assunto foi debatido, e foram buscadas formas para aprimorar o conceito do Turismo de Base Comunitária, de modo a aplicá-lo em todo o país. Irving (2009) explica que seria um equívoco acreditar que o Turismo de Base

Comunitária substituiria o turismo de massa, mas é uma alternativa para pensar em novas formas de turismo (BARTHOLO et al. 2009, p. 115).

O Turismo de Base Comunitária vai além de incentivar a aproximação e o diálogo entre entidades e órgãos que o praticam. Alguns estados brasileiros incluíram o TBC em leis, como a Política Estadual de Turismo de Base Comunitária de Minas Gerais, que consta na Lei nº 23.763/2021:

[...] Art. 1º Fica instituída a política estadual de turismo de base comunitária, nos termos desta lei e em consonância com a Lei nº 22.765, de 20 de dezembro de 2017. Art. 2º Para os fins do disposto nesta lei, considera-se: I - turismo de base comunitária aquele que incorpora valores do bem viver, do bem comum, da economia solidária e do comércio justo, orientando um processo sustentável de organização do turismo no âmbito dos territórios de povos e comunidades tradicionais do campo, da cidade, da floresta e das águas, em consonância com o desenvolvimento em escala local e regional e de modo a favorecer a atividade socioeconômica e política e promover a emancipação comunitária, por meio da valorização cultural, conservação ambiental e geração de emprego, renda e inclusão social (LEI 23.763/2021 - MG).

As diretrizes estabelecidas pela lei determinam que o Turismo de Base Comunitária poderá ser realizado em comunidades indígenas, quilombolas, tradicionais e de matriz africana, de pescadores artesanais, de agricultores familiares, de assentamentos rurais e em unidades de conservação (LEI 23.763/2021 - MG).

Existem outras leis referentes à Política Estadual do TBC em diferentes unidades da federação: 1) Lei Ordinária nº 14.126, de 24 de setembro de 2019 – institui a Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado da Bahia e dá outras providências; 2) Lei Ordinária nº 21.052, de 15 de julho de 2021 – institui a Política Estadual de Turismo de Base Comunitária no Estado de Goiás e dá outras providências; 3) Lei nº 098 de 17 de novembro de 2021 – institui a Política Municipal de Turismo Comunitário de Arari (MA) e dá outras providências; 4) Lei nº 7.884 de 02 de março de 2018 – institui a Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado do Rio de Janeiro (RJ) e dá outras providências; 5) Lei nº 2.879 de 2022 – institui e estabelece diretrizes para a Política Municipal de Apoio ao Turismo de Base Comunitária (TBC) de São Sebastião, no Estado de São Paulo (SP), e dá outras providências.

No contexto legal, é importante destacar que povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais e possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa,

ancestral e econômica, além de utilizar conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição. São considerados povos ou comunidades tradicionais: indígenas, quilombolas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, catadoras de mangaba, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, povos de terreiro, praieiros, sertanejos, jangadeiros, ciganos, pomeranos, açorianos, campeiros, varzanteiros, pantaneiros, geraizeiros, veredeiros, caatingueiros, benzedeiros, retineiros do Araguaia entre outros (FUNDAJ, 2021).

3 A PESCA ARTESANAL E COOPERATIVA NA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ E O PROJETO BOTOS DA BARRA

Este capítulo aborda a prática da pesca artesanal e cooperativa, como ocorre essa atividade na barra do Rio Tramandaí e o projeto Botos da Barra.

3.1 A PESCA ARTESANAL

A pesca artesanal é praticada por pescador profissional autônomo ou de economia familiar. De acordo com a Lei nº 11.959/2009, que regula as atividades pesqueiras, a pesca é toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros. Além dos trabalhos de captura do pescado, a atividade pesqueira compreende a confecção e reparo de artes e petrechos de pesca, a construção e conserto de embarcações de pequeno porte e o processamento da produção do pescador. O reconhecimento do pescador ou da pesca artesanal depende ainda da obtenção de documentos para autorizar a prática da pesca (LEI nº 11.959/2009).

Essa atividade é importante de forma cultural e econômica em todo território nacional, pois gera empregos para as populações do litoral e à beira de lagos e rios (EMBRAPA, 2014), sendo praticada em pequenos grupos, especialmente comunidades tradicionais locais. Segundo a OMT (2001), a atividade pesqueira vem se destacando pela capacidade de promover a conservação dos recursos naturais nos destinos turísticos.

O pescador artesanal é considerado profissional, que comercializa o produto da sua atividade e deve obter licenças na Capitania dos Portos e na Superintendência Federal da Pesca, sob pena de multa e apreensão da embarcação e dos petrechos. De acordo com dados do *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (IPEA, 2009), os pescadores artesanais eram responsáveis por 65% da pesca extrativista do Brasil em 2009.

Segundo dados da EMATER-RS (2012), existem cerca de 22 mil pescadores profissionais artesanais no Rio Grande do Sul, abrangendo comunidades ao longo da orla oceânica, estuarina, lagoas e rios. O litoral gaúcho conta com aproximadamente 4,5 mil pescadores profissionais organizados em torno de um Fórum Permanente,

constituído por 54 organizações representativas dos trabalhadores da pesca e instituições comprometidas com o desenvolvimento. A EMATER-RS atende, por meio da extensão pesqueira, mais de 2,5 mil famílias de pescadores artesanais. Entre suas principais demandas coletivas, estão o ordenamento pesqueiro, a organização social, a preservação ambiental e a manutenção familiar (EMATER-RS, 2012).

3.2 A PESCA DA TAINHA NA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ: A COOPERAÇÃO ENTRE OS PESCADORES DE TARRAFA E OS BOTOS-DE-LAHILLE

A pesca cooperativa envolve os pescadores artesanais de tarrafa do Rio Tramandaí (comunidade tradicional), as tainhas (*Mugil liza*) e os botos (botos-de-Lahille), que fazem parte da sociobiodiversidade de nosso país (ILHA et al., 2018, p. 33). Essa modalidade de pesca é como um ritual, em que pescadores e botos são favorecidos, transmitido por gerações como se fosse uma herança familiar.

Segundo Ilha et al. (2018, p. 46), historicamente, as margens do Rio Tramandaí foram locais de moradia de muitos pescadores artesanais. Todavia, com o tempo, a área se tornou mais acessível aos visitantes e foi sendo urbanizada, levando os pescadores para locais mais afastados da barra.

Na foz do Rio Tramandaí, assim como em outras regiões do mundo, são encontrados golfinhos, popularmente conhecidos como botos-nariz-de-garrafa ou botos-da-tainha (*Tursiops gephyreus* / botos-de-Lahille), que vivem em águas costeiras – baías, estuários e lagoas – do Sul do Brasil, Uruguai e Argentina (CAMARGO, 2014 e ILHA et al., 2018, p. 37). Os estudos sobre a pesca artesanal e cooperativa nessa área tiveram início em 1991, com o pesquisador Simões-Lopes. Camargo (2014) menciona pesquisas de Pryor em Santa Catarina, no ano de 1990:

Em Laguna, no estado de Santa Catarina, Pryor (1990) observou a relação mutualística existente entre os botos e os pescadores locais durante a pesca de tainhas. Essa interação ocorre há pelo menos 150 anos e representa a principal fonte de renda de centenas de famílias que dependem da pesca para seu sustento (CAMARGO, 2014, p. 11).

Há registros da pesca cooperativa na Mauritânia, Índia e Myanmar (antiga Birmânia). Todavia, são outras espécies de botos e utilizam técnicas diferentes. Na desembocadura do Rio Araranguá (SC) e na Lagoa dos Patos, em Rio Grande (RS), atualmente esse tipo de pesca não acontece mais ou não é periódico (ILHA et al., 2018). A pesca cooperativa vai muito além do sustento das famílias, pois é

considerada um fenômeno único e raro, que envolve o pescador e o boto (Figura 2). Segundo os autores, desde a década de 1960 existem registros sobre a interação dos botos com os pescadores locais na barra do Rio Tramandaí, que é descrita da seguinte forma:

Os botos que entram no canal, encurralam cardumes de tainhas; quando elas já são alvo fácil, o animal faz um sinal conhecido como "batida de cabeça", em que coloca o rosto para fora da água, indicando onde estão os peixes. Neste momento, o pescador, que precisa estar atento durante toda a ação do boto, lança a tarrafa, em direção ao local e retira as tainhas. A interação só é possível graças ao conhecimento passado de geração para geração, tanto de pescadores quanto dos botos. É bastante rara no mundo inteiro. No Brasil, só temos isso aqui no Rio Grande do Sul, entre Imbé e Tramandaí, e Laguna, em Santa Catarina. Essa comunicação depende de um ambiente propício para que ocorra (VIESSERI, 2022).

Figura 2 – Pesca cooperativa com o boto.



Fonte: Ignacio Maria Benites Moreno (Projeto Botos da Barra - CECLIMAR/CLN/UFRGS).

Simões-Lopes (1991) apud Camargo (2014) também descreve o processo cooperativo dos botos com os pescadores:

O aprendizado dos botos se dá de mãe para filho. Em 1998, acompanhamos uma sequência de comportamentos muito esclarecedora, em que um filhote copiava sua mãe durante a pesca cooperativa. Primeiro, ela executava os

movimentos de agrupar as tainhas e levá-las para a linha de pescadores “*tarrafeiros*”. Nesse momento, o filhote se mantinha atrás dela, fazendo os mesmos movimentos. Em outra oportunidade, o filhote manteve-se ao lado da mãe, executando os comportamentos em sincronia. Depois, numa terceira oportunidade o filhote foi à frente, fazendo sozinho todos os movimentos, enquanto a mãe se mantinha atrás, apenas acompanhando. Aquilo funcionava como um ensaio, um treinamento motor para automatizar toda a sequência. Desde então, vimos outros filhotes realizarem essas seções de treinamento (SIMÕES-LOPES, 1991 apud CAMARGO, 2014).

Os botos entram no estuário do Rio Tramandaí para descansar e se alimentar. Enquanto buscam seu alimento (tainhas), acabam ajudando os pescadores com essa interação. Os botos podem ser avistados sozinhos ou em pequenos grupos e costumam estar mais presentes nos meses frios, que coincidem com a migração dos cardumes de tainhas (CAMARGO, 2014, p. 13).

A mesma população de botos (botos-de-Lahille) que pratica esse tipo de cooperação na barra do Rio Tramandaí, no Rio Grande do Sul, também foi vista em Laguna, Santa Catarina. O reconhecimento dos botos ocorre pelo monitoramento frequente de profissionais dos dois estados. Atualmente, o estuário do Rio Tramandaí é frequentado regularmente por um grupo de botos composto de 16 indivíduos no total. Entretanto, os cetáceos não são vistos todos juntos – aparentemente, eles se revezam, podendo estar sozinhos ou em pequeno grupo. Cada indivíduo tem um nome, que foi dado pelos próprios pescadores – eles batizam de acordo com a personalidade de cada boto. A mais conhecida e antiga é a Geraldona, que frequenta a barra desde 1991 (Figura 3).

Figura 3 – Geraldona e seus filhotes.



Fonte: Ignacio Maria Benites Moreno (Projeto Botos da Barra - CECLIMAR/CLN/UFRGS).

No dia 4 de novembro de 2020, entrou em vigor a Lei nº 15.546, que reconhece como de Relevante Interesse Cultural do Estado do Rio Grande do Sul a pesca cooperativa entre pescadores artesanais e botos na Bacia do Rio Tramandaí:

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte: Art. 1º Fica reconhecida como de relevante interesse cultural do Estado do Rio Grande do Sul a Pesca Colaborativa entre pescadores artesanais e botos na Bacia do Rio Tramandaí. Art. 2º O Poder Público poderá realizar atividades que contribuam para o fomento cultural da atividade referida no art. 1.º Parágrafo único. Para fins do disposto no "caput" deste artigo, o Poder Público fomentará parcerias com entidades e instituições, públicas ou privadas, visando ao apoio e à promoção de atividades culturais, inclusive, garantindo a segurança necessária ao bem-estar do público presente aos eventos dessa natureza (LEI nº15.546/2020 - RS).

3.3 O PROJETO BOTOS DA BARRA

Botos da Barra é um projeto de extensão do CECLIMAR (Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com sede no município de Imbé, no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul. A equipe do projeto é formada por estudantes e profissionais das áreas de Ciências Biológicas, Oceanografia, Geografia, Antropologia e outras, pescadores artesanais de tarrafa (Pescador Amigo dos Botos) e todos aqueles que contribuem para sua construção e difusão. O objetivo do projeto consiste em conservar e valorizar a prática da pesca cooperativa com os botos, por meio da atuação junto à comunidade – como em escolas estaduais e municipais, eventos sociais, fóruns e outras instâncias políticas (CECLIMAR, 2017).

Todo o trabalho é executado com a parceria de organizações de diferentes setores da sociedade, como o Projeto Orla, Triângulo das Águas e outros. Entre as ações diretas de conservação relacionadas ao projeto, pode se destacar a geração de subsídios para a elaboração de legislação municipal, regulamentando o tráfego de embarcações recreativas (lanchas e *jet-ski*) na barra do Rio Tramandaí (Lei Municipal de Tramandaí nº 3952, de 12 de janeiro de 2016), e da lei estadual que reconhece a pesca cooperativa como de relevante interesse cultural do Estado do Rio Grande do Sul (Lei nº 15.546, de 4 de novembro de 2020).

Em 2021, o Projeto Botos da Barra foi contemplado no edital “Teia de Soluções - CAMP//Oceano: imersão nos desafios costeiros e marinhos” da Fundação Grupo Boticário, que busca soluções inovadoras para a conservação do oceano, de forma

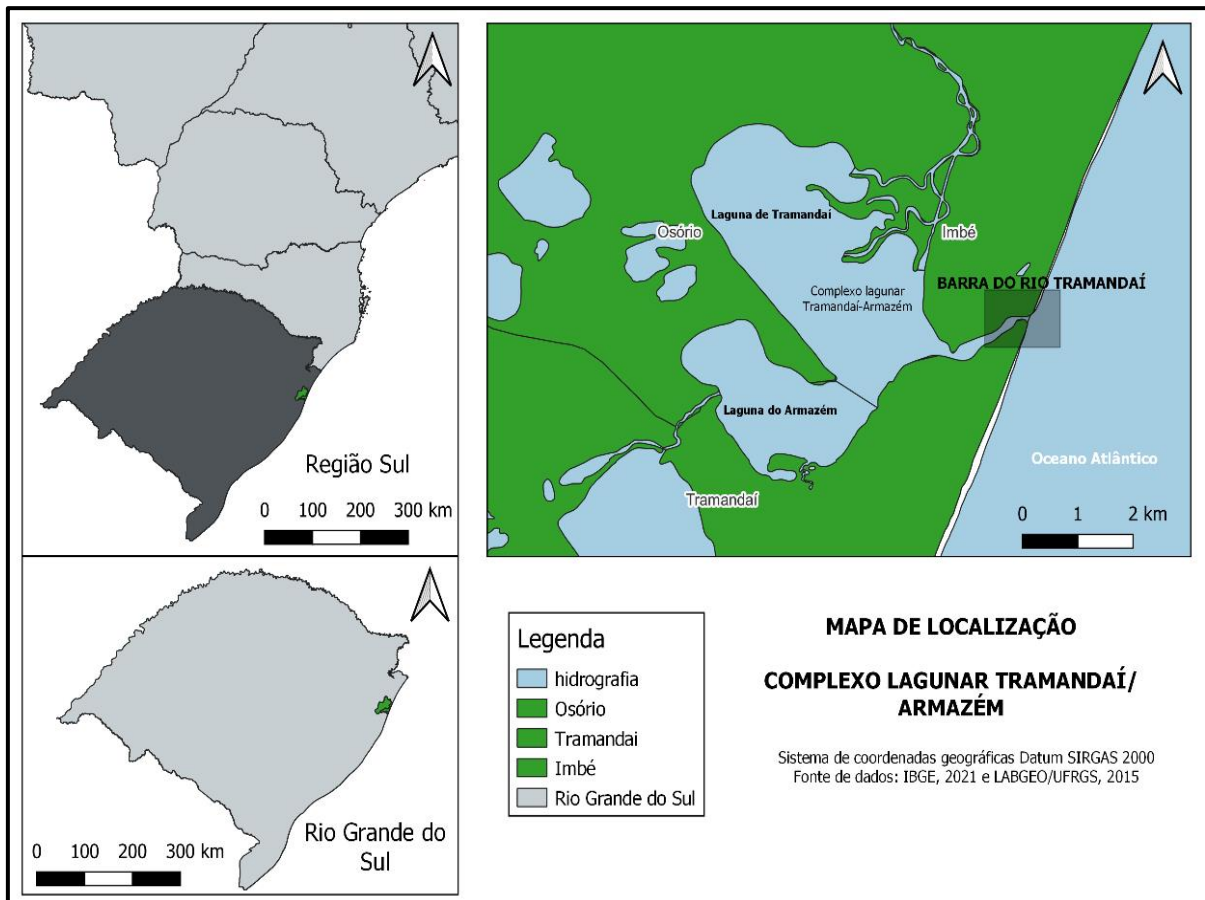
multidisciplinar e colaborativa. O edital está inserido no contexto da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (também conhecida como Década do Oceano), relacionado aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

O projeto enviou a proposta no desafio denominado “Fomentar o turismo responsável, conservando a biodiversidade”, que busca integrar a conservação da biodiversidade, os bens e os serviços ambientais do oceano ao turismo responsável e de base comunitária. A proposta foi construída com o intuito de promover a divulgação e a valorização dos patrimônios socioculturais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, considerando o fluxo intenso de turistas existente na região, além de salvaguardar a pesca cooperativa, a biodiversidade do ecossistema estuarino-lagunar, o território e o modo de vida tradicional dos pescadores artesanais, a população de botos-de-Lahille, a tainha e a riqueza cultural associada.

4 CARACTERIZAÇÃO DA BARRA DO RIO TRAMANDAÍ

Localizados no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, os municípios de Imbé e Tramandaí são separados pela foz do Rio Tramandaí e as Lagunas Armazém e Tramandaí, que formam o estuário do Rio Tramandaí (CASTRO; MELLO, 2019) (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Localização da barra do Rio Tramandaí.



Fonte: IBGE (2021) e LABGEO/UFRGS (2015). Elaborado por Josiane Barbieri (2022).

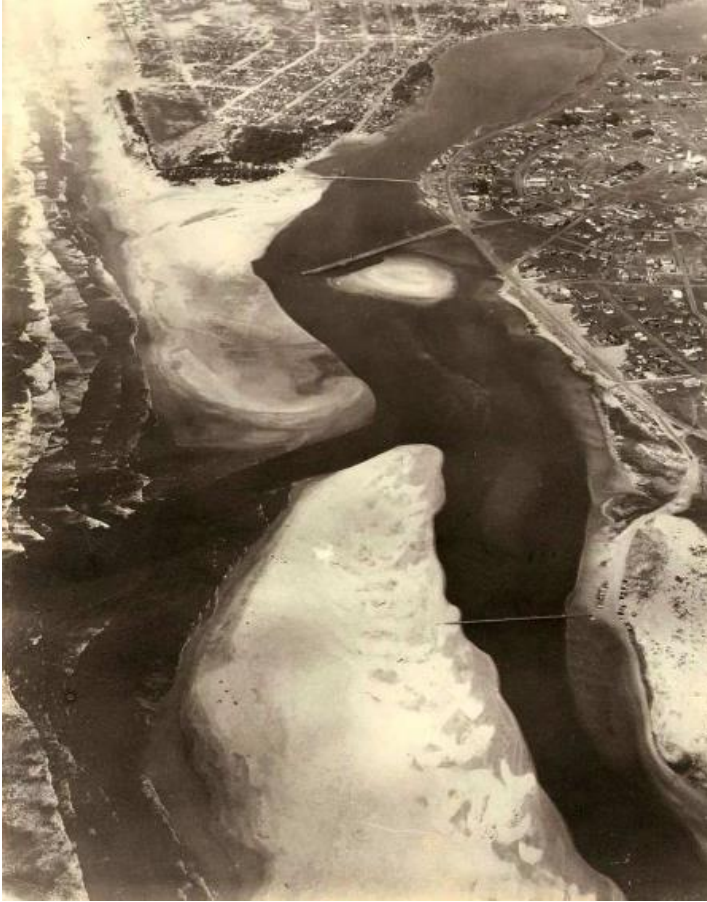
Figura 5 – Croqui da área de estudo.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora.

Segundo dados do IBGE (2021), a área territorial de Imbé é de 39,766 km² e sua população estimada equivale a 23.721 habitantes. Tramandaí tem área de 142,878 km² e população de 53.507 habitantes. A área de estudo apresenta intenso processo de urbanização ao longo dos anos (Figuras 6 e 7), que incorpora as mudanças da ação humana sobre a natureza. De acordo com Castro e Mello (2019, p. 170), “um dos principais vetores de pressão na faixa frontal de dunas e campos litorâneos é a expansão dos balneários para fins turísticos”.

Figura 6 – Barra do Rio Tramandaí, vista de Imbé, na década de 1960.



Fonte: Ilha et al. (2018).

Figura 7 – Barra do Rio Tramandaí e a urbanização dos municípios de Tramandaí (esquerda) e Imbé (direita). Área em que ocorre a pesca cooperativa (Tramandaí), com a presença de restaurantes na margem de Imbé.



Fonte: Projeto Botos da Barra.

De acordo com o Ministério Público Federal do Brasil (MPF-BR, 2010), a pressão antrópica excessiva na temporada de verão (dezembro a março), além da urbanização crescente e desordenada às margens da barra, traz grandes riscos aos ecossistemas do local. Camargo (2014) menciona algumas medidas mitigatórias propostas pelo MPF-BR (2010):

A primeira dessas iniciativas é o apoio a pesquisa relacionada à conservação ambiental, realizados por instituições de ensino da região, vinculadas a universidades. Outra medida indicada pelo relatório, é o incentivo aos atores sociais, políticos e econômicos, a trabalhar de forma conjunta para a participação efetiva da sociedade na tomada de decisões (MPF-BR, 2010 apud CAMARGO, 2014, p. 14).

Atitudes socioambientais devem ser tomadas, de forma individual e coletiva, por todos os frequentadores da barra e orla oceânica – como recolher o lixo. Esse tipo de ação é realizado voluntariamente ou promovido através do projeto denominado Dia Mundial da Limpeza, da Marinha do Brasil, que envolve grande número de pessoas para ajudar na limpeza das praias, rios e lagos, visando conscientizar a sociedade sobre a importância de manter o meio ambiente limpo (MARINHA, 2022).

5 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS E METODOLÓGICOS

Inicialmente, buscou-se embasamento teórico em referências bibliográficas sobre o tema do estudo, como: revistas, sites, livros, monografias, dissertações e teses acadêmicas, que contribuíram para aprofundar o conhecimento do assunto, assim como para a elaboração dos formulários para as entrevistas.

Subsequentemente, elaborou-se instrumento de pesquisa para entrevistar turistas e moradores, empresários do ramo do turismo, proprietários de restaurantes, pescadores artesanais de tarrafa e atores do projeto Botos da Barra.

Ao longo do trabalho, houve saídas de campo e o evento “Semana Conexão Natureza”, com oficinas e palestras voltadas ao Turismo Sustentável, realizado pelo projeto Botos da Barra. Foi a oportunidade de experimentar, conviver e fazer perguntas para moradores, turistas, estudantes, integrantes do projeto e protagonistas da pesca cooperativa, que participaram das oficinas.

Subsequentemente, elaborou-se instrumento de pesquisa para entrevistar turistas e moradores, empresários do ramo do turismo, proprietários de restaurantes, pescadores artesanais de tarrafa e atores do projeto Botos da Barra (Apêndices A, B, C, D e E). Com a utilização do Google Formulários, as entrevistas foram realizadas em cinco etapas:

1) Final de outubro/2022: entrevistas presenciais com 30 visitantes (turistas e moradores) selecionados aleatoriamente na barra do Rio Tramandaí, sobretudo na margem de Imbé, visando identificar fatores sociais, culturais e econômicos relacionados aos frequentadores da área;

2) Início de novembro/2022: entrevistas presenciais com 6 proprietários de restaurantes da barra (Imbé), levantando aspectos econômicos sobre seus clientes;

3) Meados de novembro/2022: entrevistas presenciais com 8 pessoas vinculadas ao setor turístico de Tramandaí e Imbé – donos de hotéis, turismólogos e empresários – buscando dados culturais e econômicos relacionados ao turismo local;

4) Final de novembro/2022: entrevistas presenciais com 5 pescadores cadastrados desde 2013 no projeto Botos da Barra, visando obter informações sobre a atividade pesqueira;

5) Final de novembro/2022: entrevista presencial com o Prof. Dr. Ignácio Benites Moreno, coordenador do projeto Botos da Barra, para identificar as principais expectativas sobre o TBC.

Concluídas as entrevistas, os dados foram analisados e interpretados. Por fim, realizaram-se observações de campo para identificar algumas fragilidades e potencialidades da barra de Tramandaí e Imbé, possibilitando sugerir algumas ações para a implantação do Turismo de Base Comunitária na área de estudo.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo aborda a percepção dos indivíduos sobre a realidade da barra do Rio Tramandaí, estabelecendo a relação entre diferentes atores locais (visitantes, proprietários de restaurantes, empresários do ramo turístico, pescadores artesanais e o coordenador do projeto Botos da Barra) e a área de estudo

6.1 SÍNTESE E ANÁLISE DOS RESULTADOS: TURISTA E MORADOR

A primeira análise está relacionada aos dados coletados nas entrevistas com turistas e moradores que frequentam a barra do Rio Tramandaí em ambos os municípios (Figura 8). Serão apresentados inicialmente o perfil dos respondentes e, em seguida, os resultados pertinentes aos objetivos do estudo.

Figura 8 – Entrevista na barra de Imbé.



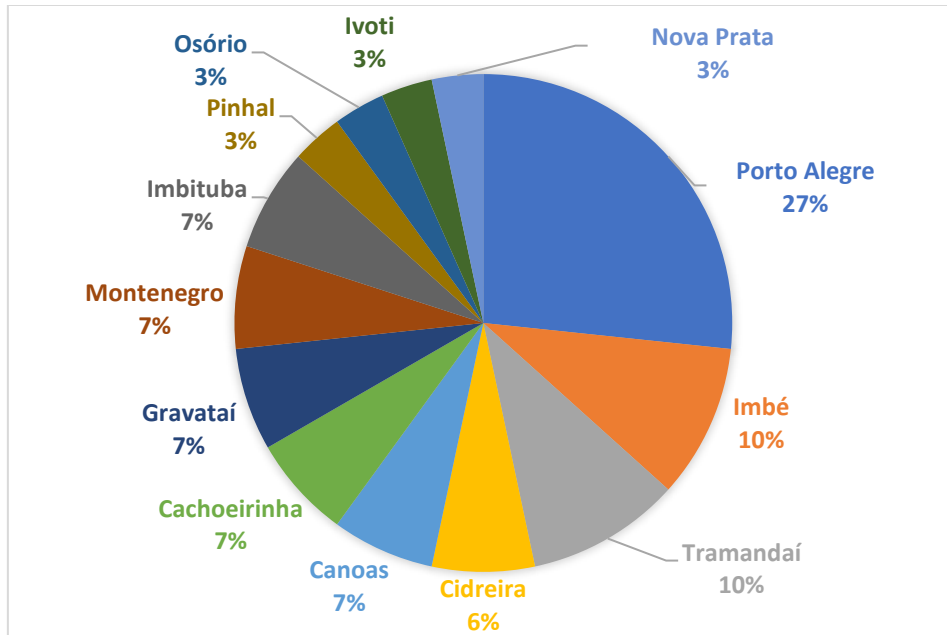
Fonte: Igor Xavier

O perfil dos entrevistados consiste, na maioria, de mulheres (21), cujas idades variam entre 18 e 85 anos. Observou-se maior receptividade e empatia por parte das mulheres. A maior parte dos respondentes possui ensino superior completo (43,3%) ou ensino médio completo (26,7%). As profissões/ocupações são bastante distintas: engenheiro, advogada, jornalista, técnica química, analista fiscal, técnico em administração de empresas, administração em logística, bibliotecária, pesquisadora, professor (2), auxiliar de dentista, artesã, comerciante, costureira, esteticista,

atendente de farmácia, vendedora, desempregado, analista de sistemas, técnico em informática, biólogo, vendedor e empresária.

Em relação à moradia, os entrevistados responderam sobre o município de residência fixa e se a segunda residência fica em Tramandaí ou Imbé, como mostra o gráfico a seguir (Figura 9):

Figura 9 – Primeira residência dos entrevistados.

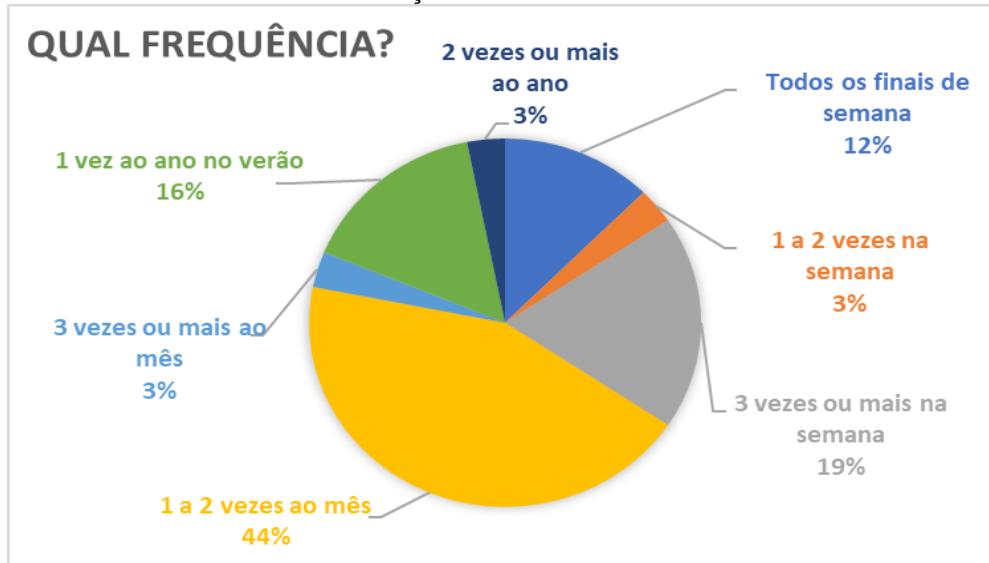


Fonte: a autora.

Os respondentes têm suas residências fixas em diferentes localidades – com destaque para Porto Alegre (27%), seguida por Imbé (10%) e Tramandaí (10%). A maior parte dos entrevistados (80%) não possui segunda residência em Tramandaí ou Imbé. Assim, nota-se que são turistas, pois não possuem residência nos locais em que foram realizadas as entrevistas. Entretanto, sua segunda residência se localiza em municípios relativamente próximos, o que facilita a vinda dos visitantes.

Nas demais perguntas, encontram-se respostas sobre os hábitos de viagem de cada entrevistado. A maioria costuma visitar a cidade (Tramandaí ou Imbé) assiduamente (86,7%), porém a frequência varia (Figura 10):

FIGURA 10 – FREQUÊNCIA DE VISITAÇÃO À CIDADE DE TRAMANDAÍ OU IMBÉ.



Fonte: a autora.

A frequência de visitas a Tramandaí e Imbé, assim como cidades próximas, varia de acordo com a intenção do turista – isso confirma a observação da Organização Mundial do Turismo (1994). Os dados obtidos no trabalho revelam que 19% dos entrevistados vão 3 ou mais vezes na semana para um dos dois municípios. Nesse caso, a maioria deles são moradores e trabalham na cidade vizinha.

Os turistas, por terem sua segunda residência em Tramandaí ou Imbé, podem prolongar a estadia, permitindo visitação mais frequente à praia.

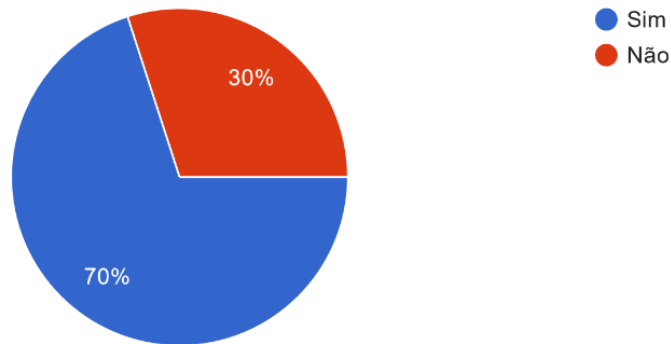
A maior parte dos entrevistados (77%) costuma visitar locais próximos a Tramandaí e Imbé. Os respondentes visitam principalmente os municípios de Cidreira, Capão da Canoa, Xangri-lá, Osório e Torres.

O principal meio de transporte é o carro próprio (83,3%). Os demais – ônibus, carros de aplicativo e moto – somam 16,7%. Em relação à hospedagem, a maioria tem residência nos municípios de Tramandaí ou Imbé (46,7%) ou frequenta casa de amigos ou parentes (23,3%). Os outros entrevistados vão a pousadas, hotéis ou passam apenas o dia na praia.

A maior parte dos entrevistados (70%) vivencia hábitos e costumes locais (Figura 11). Entre os hábitos e/ou costumes locais mais citados, destacam-se: gastronomia local (comidas típicas, frutos do mar em restaurantes), visitam alguns locais que os moradores conhecem e/ou frequentam, busca dos comércios mais conhecidos pelos moradores, lazer, cultura local, artesanatos, caminhar na beira da praia, andar de caiaque na lagoa, aproveitar a praia com tranquilidade, apreciar a

beleza local, saber a história da cidade, surfar, pescar, entender como funcionam o local e seus atrativos. Várias dessas atividades foram observadas durante as saídas de campo na área de estudo.

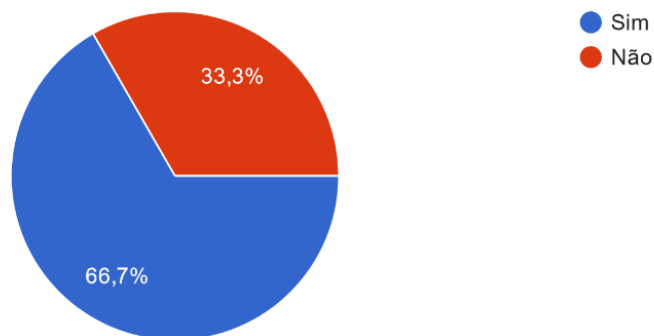
FIGURA 11 – VIVENCIAR OS HÁBITOS E COSTUMES LOCAIS.



Fonte: a autora.

A maioria dos entrevistados (66,7%) respondeu que gostaria de fazer alguma troca de experiências e aprendizados durante a visita ao local (Figura 12).

Figura 12 – Propensão a trocas de experiências e aprendizados durante a visita.

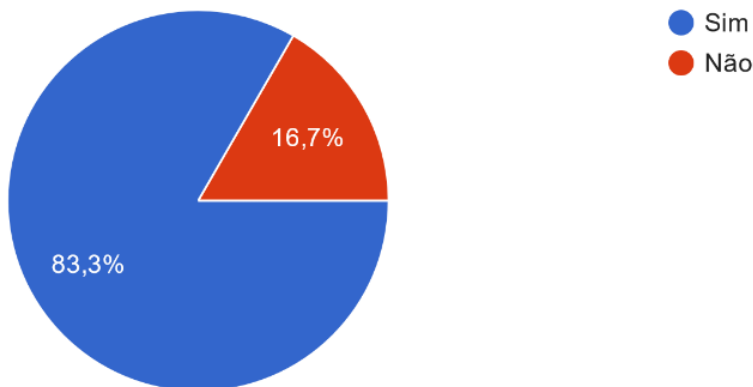


Fonte: a autora.

Os principais itens citados para troca de experiências e aprendizado, destacam-se: conhecer atrativos naturais e culturais e costumes nativos pouco divulgados, saber mais sobre pesca cooperativa, aprender mais sobre a história e a biologia do local, conversar e interagir com moradores, aprender técnicas de pesca com coca e tarrafa.

A maioria dos entrevistados (83,3%) mostrou interesse pela história e cultura do local visitado (Figura 13), sobretudo para ampliar seu conhecimento.

Figura 13 – Interesse pelo conhecimento da história e cultura do local visitado.



Fonte: a autora.

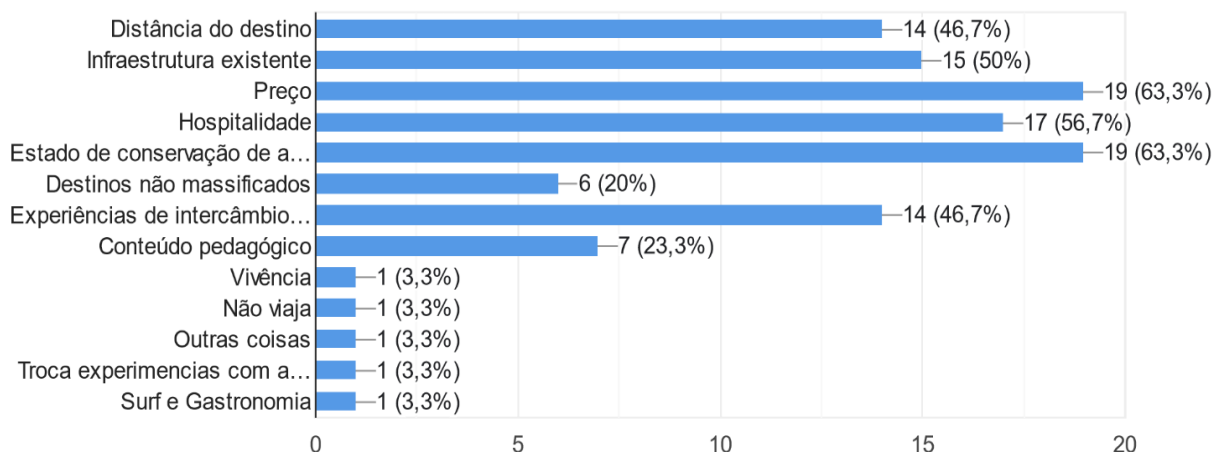
Todos os entrevistados gostam do contato com a natureza, relacionando-o a algo que traz tranquilidade e paz. Outros falaram que renova as energias.

Também foram destacadas algumas características valorizadas em uma viagem, como preço, estado de conservação de atrativos naturais e experiência, hospitalidade e infraestrutura existentes, como pode ser observado no gráfico a seguir (Figura 14):

FIGURA 14 – CARACTERÍSTICAS VALORIZADAS EM VIAGENS.

4-) Características valorizadas em uma viagem (poderá marcar mais de uma opção)

30 respostas



Fonte: a autora.

Durante a entrevista, a maioria dos entrevistados comentou sobre a falta de infraestrutura em ambos os lados da barra, o desleixo e a falta de informações e divulgações do que ocorre nos municípios – como os eventos.

Quase todos os entrevistados (80%) visitam com frequência a Barra de Tramandaí e Imbé – somente 3,3% visitavam pela primeira vez o local.

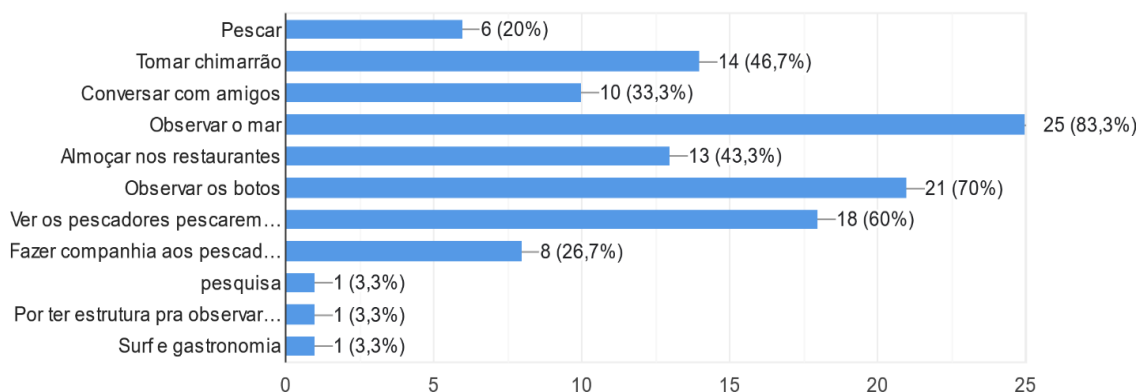
Grande parte dos entrevistados conheceu a barra através de amigos (43,3%). Os demais conheciam por veranear ou morar em Tramandaí ou Imbé. Somente um entrevistado comentou ter conhecido através de sites de busca.

As pessoas entrevistadas frequentam a barra por diversos motivos – todos os entrevistados marcaram mais de três opções. As mais citadas foram: observar o mar, observar os botos, observar os pescadores pescando com os botos, tomar chimarrão e outras (Figura 15). Constata-se que os visitantes gostam de contemplar e ficar mais próximos do mar e da natureza do local.

FIGURA 15 – MOTIVAÇÕES DOS ENTREVISTADOS PARA VISITAREM A BARRA.

d) Qual(is) os motivos que você vem até a Barra? (Pode marcar mais de uma opção)

30 respostas



Fonte: a autora.

Também foi perguntado sobre a interação entre o pescador e o boto. No caso, cerca de 65% conhecem a interação entre esses dois atores da pesca cooperativa. Aqueles que conheciam a interação descreveram-na da seguinte forma: “os botos levam o cardume até os pescadores, que jogam a tarrafa’. Alguns relataram que “é lindo ver a interação, tornando-se um atrativo para os turistas”.

A maior parte dos respondentes se interessaria por atividades que ensinassem sobre a pesca cooperativa (40%), e comentou que gostaria de aprender mais sobre a prática do ponto de vista dos pescadores. Outros mencionaram que a atividade é única e bastante curiosa. Aqueles que não mostraram interesse foi porque conheciam como ocorre a pesca (36,7%).

Além disso, cerca de 75% participariam de atividades em que aprendessem sobre os animais que habitam na barra. Entre os entrevistados, a maioria acha importante adquirir conhecimento e experiência. Outros relataram gostar da natureza e dos animais. Alguns ainda enfatizaram que gostariam de saber mais sobre a interação dos botos com o pescador.

Uma questão abordava a venda dos peixes da pesca cooperativa, e cerca de 65% responderam que compraria o pescado, pois para os entrevistados é uma forma de ajudar os pescadores financeiramente e saber que está comprando peixe fresco. Um dos entrevistados deu ênfase à valorização da pesca artesanal, pois diminuiria o impacto ao meio ambiente relacionado à pesca industrial. Os que responderam negativamente (16,7%) foi por não gostarem de comer peixes.

Dos entrevistados, 70% dariam preferência por frequentar os restaurantes que servissem o pescado obtido na pesca cooperativa. O principal motivo seria incentivar a parceria entre o pescador e os proprietários dos restaurantes da barra de Imbé e assim, fomentar a economia local e valorizando a pesca cooperativa. Os que não frequentariam é por não gostarem de comer peixes. Pode ser observado um grande potencial para o turismo gastronômico, que é voltado aos turistas que gostam de conhecer a culinária típica e as iguarias do local.

Cerca de 60% dos entrevistados não praticam nenhum tipo de esporte próximo a barra. Entre os que praticam, a maior parte faz caminhadas, windsurfe, caiaque, bicicleta, corrida ou vôlei. Cerca de 90% dos respondentes viram pessoas praticarem algum tipo de esporte próximo da área de estudo, como caminhada, corrida, bicicleta, *jet-ski*, natação, windsurfe, entre outros. Cerca de 60% não tem conhecimento das práticas que podem ser ilegais na barra.

Em relação à prática esportiva na praia e no mar, é indispensável que haja fiscalização das atividades que ocorrem nas proximidades na barra do Rio Tramandaí – como a pesca, o surfe e o banho. Eventualmente, são instaladas placas de avisos, que com o tempo são danificadas ou retiradas. Entretanto, é necessário reforçar essa sinalização, com avisos de demarcações das áreas específicas para cada atividade, evitando acidentes e possibilitando que todos desfrutem do local com mais segurança.

Aqueles que responderam afirmativamente sobre práticas ilegais na área, citaram a pesca predatória (arrastão ou pesca fora de época) e o uso de veículos aquáticos de motor (*jet-ski*), que pode prejudicar a fauna aquática, pois provoca

incômodo nos animais por causa do ruído e dos movimentos rápidos. Alguns comentaram sobre o descarte de resíduos e a poluição em geral. Existem também os acreditam que o pescador quer capturar o boto com a rede.

Observa-se que existem muitas pessoas interessadas em conhecer a interação entre os botos e pescadores, bem como em ajudar na conservação da pesca cooperativa, sobretudo por meio da compra de peixes frescos e do consumo em restaurantes abastecidos com esse pescado.

6.2 SÍNTESE E ANÁLISE DOS DADOS: PROPRIETÁRIOS DE RESTAURANTES DA BARRA DE IMBÉ

Neste subcapítulo, serão apresentados os resultados e a análise das entrevistas com os proprietários ou gerentes dos restaurantes, localizados na barra do município de Imbé (Figura 16). A entrevista não foi realizada apenas com dois proprietários – um deles não estava no local, e a outra proprietária estava envolvida com os preparativos para o feriadão que iniciaria em três dias. Todavia, a ausência desses dados não influencia na análise dos resultados.

Figura 16 – Restaurantes da barra de Imbé vistos de cima.



Fonte: Prefeitura Municipal de Imbé.

O perfil dos entrevistados consiste em proprietários ou gerentes dos restaurantes, com idades entre 21 e 64 anos. Uma das perguntas trata sobre os dias da semana com maior movimento nos restaurantes da área de estudo. Os entrevistados citam a sexta-feira, o sábado e o domingo. Os meses de maior movimento são janeiro, fevereiro, março e dezembro. Foi mencionado por dois entrevistados que os meses de junho e outubro também têm movimento, por coincidirem, respectivamente, com as férias escolares e o feriado de Nossa Senhora Aparecida (Dia das Crianças).

Todos responderam o movimento é muito maior no verão, chegando a triplicar em relação a outras estações, e varia quando há eventos (83,3%). Outros mencionaram a Sexta-Feira Santa, na qual também é alta a procura de peixes.

Os entrevistados mencionaram que os peixes encontrados na região fazem parte do cardápio (tainha e bagre). Os pescados preferidos dos clientes são a tainha assada (o mais relevante), a violinha, o linguado, a traíra, o salmão, o papa-terra e o bagre.

Três restaurantes compram peixes dos pescadores da área de estudo ou em peixarias dos municípios de Tramandaí e Imbé. Os outros três compram de uma empresa de Passo de Torres (SC), cujo nome não foi informado. Somente em um dos restaurantes o dono é pescador e supre um pouco da demanda; todavia, quando o consumo é maior, ele compra da empresa Pioneira de Santa Catarina.

Exceto por um dos entrevistados, que ainda não está bem familiarizado com o entorno, pois está na direção do restaurante há apenas sete meses, todos os demais conhecem pescadores “Amigos do Boto” – alguns até fornecem os peixes para seus estabelecimentos.

Apenas um dos proprietários não conhecia a interação entre botos e pescadores. Os demais relataram diversos momentos da atividade, como: o aprendizado dos filhotes com a mãe, as brincadeiras entre os botos, e a pesca para alimentação – os peixes que “sobram” são levados até os pescadores. Um dos entrevistados enfatizou que cada boto nada de um jeito diferente. Todos os entrevistados comprariam peixes dos pescadores artesanais, mas ressaltaram que precisariam de grandes quantidades de pescado para abastecer os restaurantes em época de grande fluxo de clientes.

Em relação ao Turismo de Base Comunitária, nenhum dos entrevistados tinha ouvido falar ou sabia o que era. Após uma breve explicação sobre esse tipo de turismo, todos os entrevistados acharam interessante e apoiariam sua implantação na barra do Rio Tramandaí, pois muitos turistas e frequentadores dos restaurantes têm curiosidade de aprender sobre a interação entre os botos e os pescadores. A maioria dos entrevistados comentou que, quando o cliente pergunta sobre o assunto, eles contam um pouco sobre a pesca cooperativa com os botos.

Por fim, para incrementar o turismo na barra, com a incorporação da pesca cooperativa, a maioria dos entrevistados considera importante melhorar a infraestrutura do local, de modo a ser mais aconchegante e moderna, promover eventos o ano todo e incentivar os comerciantes. Mencionaram também a falta de políticas públicas, divulgação de informações do que acontece na barra e dos eventos – poderiam existir placas explicando a pesca com os botos, além de folders e outros materiais.

Assim como nas entrevistas com turistas e moradores, os respondentes destacaram a carência de infraestrutura e divulgação no local. Em subcapítulo específico, será abordada a infraestrutura nas proximidades da Barra de Tramandaí e Imbé.

6.3 SÍNTESE E ANÁLISE DOS DADOS: EMPRESÁRIOS DO RAMO TURÍSTICO

Neste subcapítulo, as citações de algumas falas dos respondentes serão acompanhadas das letras “RT” (ramo do turismo), seguidas de um número (ordem de entrevista), que servirão como pseudônimos para preservar suas identidades.

O perfil dos entrevistados é caracterizado por experiência no ramo do turismo ou hotelaria entre 4 e 30 anos. Alguns trocaram de área de atuação ao longo do tempo – um foi para a comunicação de rádio, outros são pesquisadores, empresários, entre outras.

Todos os entrevistados falaram que os principais atrativos de Tramandaí e Imbé são a praia e os eventos, que atraem mais turistas na temporada de verão e nos feriados, corroborando dados das entrevistas com proprietários e gerentes de restaurantes.

Além disso, para estimular o aumento do turismo, todos enfatizaram a necessidade de investimento na infraestrutura dos municípios, de incentivo dos órgãos públicos, da realização de mais eventos e atrações o ano inteiro, além de maior divulgação para atrair os visitantes.

Em relação ao Turismo de Base Comunitária na área de estudo, todos comentaram que existe a possibilidade de sua implantação e difusão, mas é preciso que os órgãos públicos também vejam a importância e o potencial do local, investindo na infraestrutura dos municípios. Alguns também ressaltaram que deve ser realizada a proposição de políticas públicas voltadas ao turismo. Outros mencionaram a importância de implementar efetivamente o tratamento de esgoto, pois os efluentes contaminam as águas da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí. Por fim, destacam que é necessária a união de todos os municípios da região. Novamente, observam-se relatos sobre a carência de infraestrutura, como mencionado nas entrevistas anteriores.

Outra pergunta abordava os meios utilizados para divulgar sua empresa e atrair os turistas. Todos mencionaram que usam as plataformas digitais para divulgação. Alguns deles criam atividades para fomentar o turismo sustentável. Um dos entrevistados falou:

A comunicação é de grande importância para o turismo. As pessoas têm que saber o que acontece, difundir o produto turístico. Só na “boca a boca”, é muito limitado. E a rádio é muito importante para divulgar os eventos. Papel importante é a divulgação (RT6).

Entre os entrevistados que conhecem a pesca cooperativa, foi mencionado que os botos levam o cardume para o pescador, brincam, se alimentam e sinalizam onde estão os peixes. Segundo eles, todos os pescadores sabem o momento certo de jogar a tarrafa. Um dos entrevistados falou com emoção e relatou da energia que sente quando está na barra. Outro contou uma pequena história:

A pesca cooperativa é uma coisa linda. Existia um grupo de botos, antes mesmo dos humanos, os índios foram os primeiros moradores, depois vieram os açorianos e colonizaram o litoral e eles já tinham esse costume de usar a tarrafa, que abraça o cardume. Isso impactou a população de botos, um bicho muito inteligente, usou da estratégia do homem para se beneficiar, facilitando a captura do cardume. Ele não come todo o cardume, maneira que ele se integrou e passou de pai para filho esse relacionamento. Isso pode acabar, ele tem hábito costeiro (RT5).

Um deles comentou que “o boto tem uma ligação com o ser humano muito intensa, ele transmite bondade e alegria. [...] os botos são bem frágeis, e não brabos quanto algumas pessoas pensam.” (RT6).

A maioria dos entrevistados não tinha ouvido falar sobre Turismo de Base Comunitária. Após breve explicação, foram indagados sobre a possibilidade de implantar o Turismo de Base Comunitária na Barra de Imbé e Tramandaí. Todos responderam que acham importante e necessária essa iniciativa. Segundo os entrevistados, é preciso conhecimento sobre turismo para os pescadores, apoio da comunidade e incentivo do poder público e privado. Algumas pessoas entrevistadas comentaram que todas as propostas que tragam benefícios para o turismo e o meio ambiente são importantes.

Para incentivar o turismo na barra, com inclusão da pesca cooperativa, todos os entrevistados falaram que deveria ter maior divulgação, organização e infraestrutura para receber os turistas. É necessário criar projetos voltados para o turismo, além de desenvolver esse conteúdo nas escolas. Também é importante propor alternativas para viabilizar o Turismo de Base Comunitária, valorizando a natureza e integrando todas as atividades que não prejudiquem o meio ambiente.

Os entrevistados destacam a relevância da elaboração de novo plano diretor, com mais áreas para a prática de esportes, que se conectem com a cidade e a natureza. Um deles enfatizou que a Barra poderia ser um polo gastronômico, com a extinção do estacionamento em frente aos restaurantes para permitir a visão do rio enquanto as pessoas almoçam, pois iria aproximar o turista da natureza.

Por fim, todos afirmaram que fariam algum tipo de parceria com o projeto Botos da Barra e ajudariam na divulgação do TBC nas plataformas digitais, além de placas, mídias impressas, rádios, entre outras – desde que apareçam suas marcas. Outros ajudariam com ideias ou algum tipo de estrutura, assim como na organização e no trabalho voluntário em algum evento.

6.4 SÍNTESE E ANÁLISE DOS DADOS: PROFISSIONAIS DA PESCA COOPERATIVA (PESCADORES AMIGOS DOS BOTOS)

O público-alvo dessa entrevista consiste em pescadores (Figura 17) cadastrados no projeto Botos da Barra desde 2013. O convite para participar da pesquisa veio através de pessoas que fazem parte do projeto ou por meio dos próprios pescadores. A faixa

etária dos entrevistados varia entre 49 anos e 62 anos. Todos têm mais de 30 anos de experiência na pesca artesanal e com os botos, e aprenderam a atividade com seus pais ou avós.

Figura 17– Pescadores Amigos dos Botos em ação.



Fonte: a autora (27/09/2022).

Todos os entrevistados responderam que vendem seu pescado na beira da praia ou em suas casas, desde antes de participarem do projeto. Apenas um entrevistado comentou que tem outra fonte de renda – faz alguns fretes e trabalha na construção civil, pois não consegue viver somente da pesca. Os demais vivem da pesca e fazem tarrafas novas ou consertos para complementar a renda. Esse dado corrobora aquele obtido por Zappes (2001 apud Camargo, 2014), que entrevistou 22 pescadores artesanais da barra do Rio Tramandaí, e concluiu que esse tipo de pesca é a principal fonte de renda das famílias residentes do local, além de fazer parte do patrimônio cultural da região.

Sobre possíveis melhorias na barra para ajudar os pescadores, todos responderam que deveria ocorrer fiscalização diariamente, pois tem muita pesca de

arrasto, pesca amadora ilegal. Também comentaram sobre a necessidade de incrementar a infraestrutura do local.

Apenas dois pescadores tinham ouvido falar do Turismo de Base Comunitária, por terem participado como protagonistas nas oficinas e aulas ao ar livre da Semana Conexão Natureza. Os demais não sabiam o que era, e foi feita uma breve explicação. Depois disso, todos consideraram que seria muito bom implantar esse tipo de turismo na Barra.

Para aumentar o turismo na área, com inclusão da pesca cooperativa, todos destacaram a importância de melhorias no local (Barra de Tramandaí), sobretudo de infraestrutura: “*a Praça dos Botos parece estar jogada*”. Todos os entrevistados citaram alguns exemplos de melhorias: pracinha nova para as crianças, bancos, lixeiras, banheiros, quiosques e sua manutenção periódica. Também referiram a importância da divulgação na internet e da entrega de panfletos sobre a pesca cooperativa.

Em relação ao protagonismo e contribuição para o TBC, um dos pescadores não gosta muito de dar entrevistas e, por ser mais tímido, prefere ficar na pesca. Os demais entrevistados gostam e querem ajudar contando suas histórias. Um deles ainda comentou que é necessário discutir em conjunto com todo o grupo para saber o que e como cada um pode ajudar.

Todos falaram que nenhum de seus respectivos filhos está seguindo o caminho da pesca. Alguns ensinaram a seus filhos, e estão ensinando aos netos, mas é para poderem pescar e “se defender” (não passar fome), caso necessário.

O processo de passar o conhecimento para filhos e netos é muito importante em comunidades tradicionais. Entretanto, viver somente da pesca é um desafio para muitos pescadores e, por isso, os filhos escolheram seguir outro caminho para se manter com salários melhores. Atualmente, a pesca não é vista como algo lucrativo.

Por fim, todos falaram que é muito importante continuar cuidando e protegendo o local, pois a pesca cooperativa pode acabar. Os planos do poder público envolvem a construção de uma ponte. Assim, os botos podem sumir e nunca mais voltar. Eles também enfatizaram a importância do projeto Botos da Barra e da sua equipe, pois sem eles, a pesca no local provavelmente teria acabado.

6.5 SÍNTESE E ANÁLISE DOS DADOS: COORDENADOR DO PROJETO BOTOS DA BARRA

A última entrevista foi realizada com o coordenador do projeto Botos da Barra. O entrevistado foi escolhido em razão de seu grande conhecimento, podendo fornecer informações relevantes sobre o local de estudo para a implementação do Turismo de Base Comunitária.

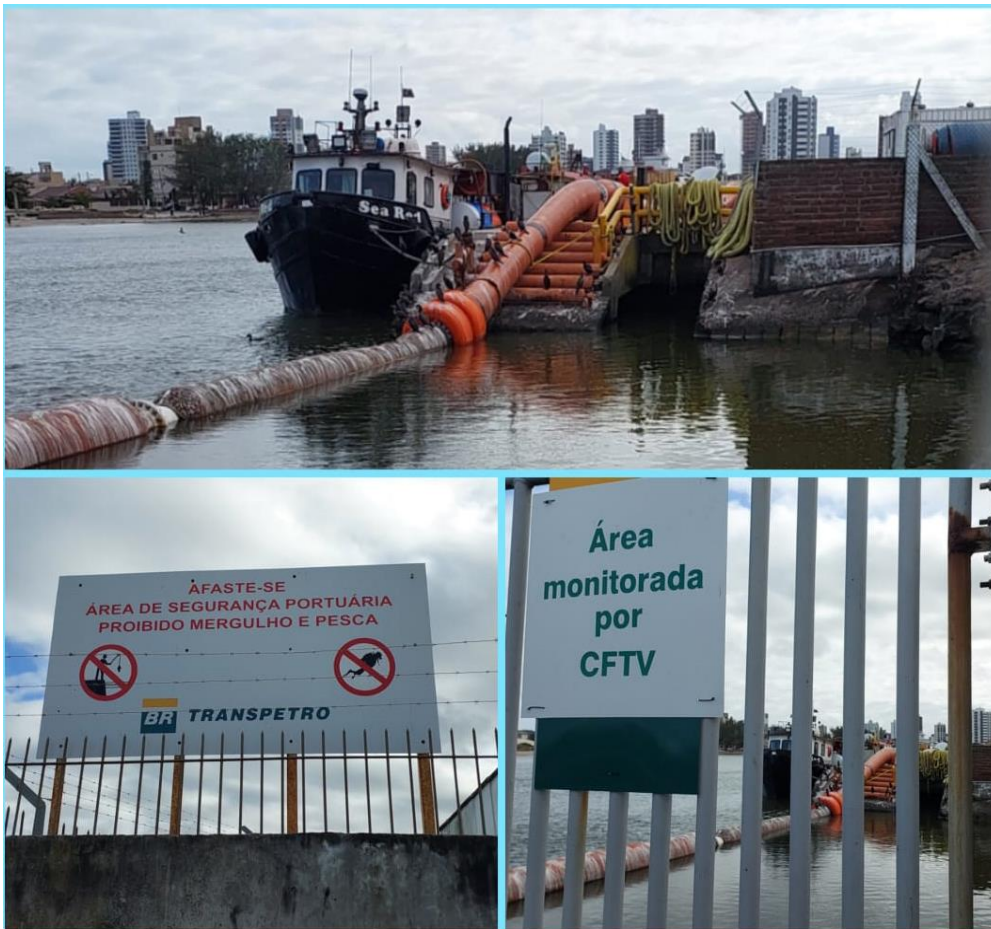
O professor e doutor Ignácio Benites Moreno se envolveu com a cultura da pesca cooperativa em 2009. Enquanto estava fotografando o local, conheceu alguns pescadores, que falaram de suas dificuldades na pesca e que poderia não mais existir aquela interação com os botos. Desde então, ele começou a estudar a área para entender todo o cenário.

Em 2013, ele sentiu a necessidade de criar o projeto. Com ajuda dos alunos, a pesquisa se perpetuou. Deste modo, foram criados identidade visual, logotipo, camisetas e bonés para identificar os pescadores e a equipe do projeto. Livros foram publicados para levar o conhecimento a algumas pessoas da área da educação. Alguns alunos da equipe do projeto fizeram trabalhos científicos e, assim, puderam mostrar para o poder público a importância de elaborar algumas leis, como a que não permite uso de *jet-ski* na área de pesca artesanal com os botos.

Em 2014, a TRANSPETRO³ (Figura 18) o procurou no CECLIMAR⁴ para formar parceria no projeto e, com isso, foram obtidos recursos para dar continuidade ao estudo, permitindo a compra de equipamentos. Posteriormente, foi submetido projeto a edital da Fundação O Boticário, contemplado com apoio entre 2022 e 2025.

De acordo com o Prof. Dr. Ignácio, falta infraestrutura para auxiliar os pescadores, como locais para limpar o pescado, além de fiscalização diária – para coibir o uso de petrechos proibidos e a prática a pesca predatória – entre outras. Também falta conhecimento e mobilização dos políticos e gestores em relação ao assunto.

Figura 18 – Transpetro.



Fonte: montagem e registros pela autora (06/12/2022).

O coordenador do projeto Botos da Barra relata que implantar o Turismo de Base Comunitária é um grande desafio. Além do envolvimento de várias pessoas para disseminar a ideia e levantar suas vantagens, é necessário que os pescadores entendam e gerenciem o TBC, com a gestão da comunidade, e não do gestor público. Segundo ele, esse tipo de turismo “se vende” sozinho. Quando ele foi à central de informações turísticas dos municípios de Tramandaí e Imbé, não havia nada a respeito da pesca cooperativa com os botos, e as pessoas não sabiam informar sobre a prática.

Para incrementar o turismo na barra, o entrevistado considera essencial melhorar a infraestrutura e revitalizar toda a área. Também sugere criar um local de observação dos botos e pássaros, envolvendo gestores e educadores.

Embora os botos apareçam seguidamente, o pico é entre os meses de abril e junho. Em agosto, diminui bastante. A tainha é o peixe mais capturado pelos pescadores, mas na época que os botos aparecem, eles têm pesca abundante. Também pescam savelha, sardinha, siri e linguado.

Analisando essas falas, por existir meses do auge da safra da tainha, é importante que nesse período tenha o incentivo do Turismo de Base Comunitária.

Em relação ao futuro da pesca cooperativa, o Prof. Dr. Ignácio cita os projetos de construção da ponte e da marina. Caso essas obras não sejam construídas, existe a possibilidade desse tipo de pesca continuar por muitos anos. A mentalidade dos gestores precisa mudar, porque a cidade do futuro deve ser sustentável.

Outra questão levantada foi sobre o que ocorre no projeto TAMAR², com o monitoramento de tartarugas marinhas, e na Flórida, onde monitoram os golfinhos por teletrometria (ou rastreamento por satélite). O entrevistado comentou que, enquanto participava de um evento há alguns anos, fez esse questionamento a um profissional que fazia parte do monitoramento de golfinhos na Flórida. Ele advertiu que poderia haver riscos para a saúde do animal, pois usam técnicas invasivas para inserir um aparelho dentro dele. Uma vez que os golfinhos são muito frágeis, não valeria o risco. Com isso, mudou de ideia quanto a esse tipo de monitoramento.

A respeito da criação de uma feira na barra com a venda de peixes, artesanatos e itens do projeto, como camisetas e bonés, o Prof. Dr. Ignácio fala que ainda não foi realizada, mas planeja fazer. É preciso verificar as exigências junto à vigilância sanitária, mas existe a possibilidade, pois os peixes são vendidos *in natura* na beira da praia atualmente. Falta conversar com as pessoas, ver o interesse e formar uma rede de amigos da barra, além de criar os produtos.

As mídias online mais utilizadas para divulgar o projeto Botos da Barra são o *Facebook* e o *Instagram*. Para as oficinas, a divulgação ocorre através de e-mail e *WhatsApp*. O entrevistado considera que o projeto poderia ser divulgado por meio de placas nos dois lados da barra, com *QRCode* que levasse a uma página exclusiva, além da inserção em rádio e de vídeos curtos em veículos de comunicação.

² O Projeto TAMAR é um projeto conservacionista brasileiro que atua na preservação das tartarugas-marinhas ameaçadas de extinção (Fonte: TAMAR).

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E OBSERVAÇÕES DE CAMPO

Em ambas as margens da barra do Rio Tramandaí, verificam-se aspectos de abandono. As ruas que dão acesso até a Barra de Tramandaí estão com buracos, assim como as calçadas (Figura 19). Carros têm maior facilidade de acesso do que os ônibus de turismo, devido à falta de espaço para manobras, sobretudo na Avenida Beira Rio, cujas laterais são utilizadas para estacionamento.

Figura 19 – Avenida Beira Rio, Barra de Tramandaí.



Fonte: a autora (06/12/2022).

Na visita à “Praça dos Botos”, na Barra de Tramandaí (figuras 20, 21 e 22), percebeu-se o abandono e o descaso da gestão pública com esse local.

Figura 20 – Vista parcial da Avenida Beira Rio e da “Praça dos Botos” (esquerda) e descarte irregular de resíduos sólidos (direita).



Fonte: montagem e registros pela autora (06/12/2022).

Figura 21 – Estruturas danificadas na “Praça dos Botos”: aparelhos de ginástica (esquerda), escorregador (centro) e bancos (direita).



Fonte: montagem e registros pela autora (06/12/2022).

Figura 22 – Quadra de esportes da “Praça dos Botos” danificada por sucessivas ressacas marinhas.



Fonte: a autora (06/12/2022).

Percebe-se que a praça precisa de diversos reparos para que visitantes do local possam desfrutar momentos de lazer com familiares e amigos. Apesar da estrutura precária, a circulação de pessoas é grande – sobretudo no verão – porém o público não usufrui totalmente dessa área por falta de infraestrutura e manutenção.

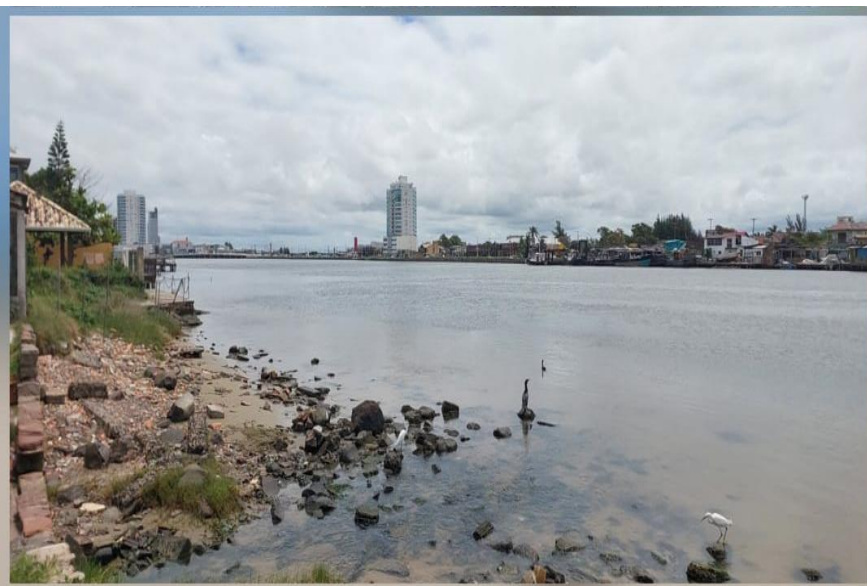
Sabe-se que o Litoral Norte do Rio Grande do Sul é rico em belezas naturais. O turismo de massa favorece as atividades econômicas, gerando emprego e renda para os municípios, mas a falta de infraestrutura tem ocasionado outros problemas – sobretudo, ambientais. Resíduos sólidos, dejetos e escoamentos irregulares de esgoto (Figuras 23, 24, 25 e 26), jogados diretamente no rio ou no mar, causam grandes danos à biodiversidade marinha, fazendo com que a qualidade da água se deteriore e resultando na escassez de peixes, além da extinção de espécies da vida marinha (CAMARGO, 2014).

Figura 23 – Esgoto despejado no rio, município de Tramandaí.



Fonte: a autora (06/12/2022).

Figura 24 – Esgoto despejado no rio, município de Tramandaí.



Fonte: a autora (06/12/2022).

Figura 25 – Placas de obras do Sistema de Esgoto Sanitário, município de Imbé.



Fonte: a autora (06/12/2022).

Figura 26 – Despejo de esgoto no sangradouro do Lago do Braço Morto e desembocadura na barra do Rio Tramandaí, município de Imbé.



Fonte: montagem e registros pela autora (06/12/2022).

Durante a observação de campo, em ambas as margens da barra do Rio Tramandaí, havia odor de esgoto, porém o cheiro era mais forte do lado de Imbé. Pessoas relataram que, em alguns dias, fica insuportável permanecer próximo do local e, por mais que façam reclamações na prefeitura, os gestores não fazem nada há anos.

No segundo semestre de 2022, no município de Imbé, foram iniciadas as obras de um calçadão e uma ciclovia ao longo da Avenida Nilza Godoy, além do revestimento asfáltico junto aos restaurantes na parte da barra de Imbé (Figuras 27 e 28). Alguns entrevistados sugeriram retirar o trânsito de carros desse espaço, tornando-o mais agradável e seguro à circulação de pessoas, com a implantação de ciclovia e espaço para deixar as bicicletas, enquanto os visitantes apreciam a natureza e a pesca cooperativa.

Figura 27 – Obras (calçadão e ciclovia) no entorno da barra em Imbé.



Fonte: a autora (06/12/2022).

Figura 28 – Estacionamento de veículos junto aos restaurantes na barra de Imbé.



Fonte: a autora (06/12/2022).

Outro ponto relevante é o fim da interação dos pescadores com os botos, que pode ocorrer devido aos impactos decorrentes da urbanização. A possível construção de uma nova ponte na barra (Figura 29), entre os municípios de Tramandaí e Imbé, vai causar barulho, vibração na água e movimentação de veículos e cargas pesadas nos locais próximos à área da pesca cooperativa, afetando a comunicação entre os botos dentro da água.

O conhecimento desses pescadores, o conhecimento que a Geraldona repassa a seus filhotes, pode se perder e nunca ser recuperado. Nós estamos perdendo a chance de tornar essa uma cidade sustentável no futuro, para nos tornarmos a cidade que acabou com a pesca cooperativa. Seria uma tragédia socioambiental (VIESSERI, 2022).

Existem divergências entre munícipes, gestores públicos e turistas: alguns querem uma nova ponte de acesso sobre o Rio Tramandaí, enquanto outros ressaltam os problemas decorrentes de sua construção para o ecossistema do local.

As regiões turísticas e seus habitantes pretendem preservar sua herança cultural e o seu meio ambiente e, ao mesmo tempo, aproveitar todas as possibilidades de melhorar a posição econômica e social (KRIPPENDORF, 2000, p. 149 apud PUGEN, 2018, p. 70).

Assim, é de extrema importância a realização de mais pesquisas sobre essas modificações e seus impactos no meio ambiente, para que não venham a destruir o patrimônio natural ainda existente na barra.

Figura 29 – Três opções de traçados para a nova ponte entre Tramandaí e Imbé.



Fonte: Gabriel Soares/GES – Jornal VS.

Após a realização das entrevistas com diversas pessoas de segmentos distintos e do trabalho de campo, constata-se que há várias informações coincidentes e importantes, cuja síntese é apresentada a seguir (Quadro 1):

Quadro 1 – Percepções a partir das respostas dos entrevistados.

	Turistas e moradores de Tramandaí ou Imbé	Profissionais do ramo do turismo	Donos ou gerentes dos restaurantes da barra de Imbé	Pescadores Amigos dos Botos	Coordenador projeto Botos da Barra
Motivações e hábitos de viagem	Verão, praia, custo de viagem, deslocamento e distância da residência, observar a natureza,	Identificam que os turistas estão presentes o ano todo, mas mais no verão, para apreciar a	Os turistas estão mais na época de verão nas praias e consomem nos restaurantes	Verificam que no verão muitas pessoas estão lá "disputando espaços" na barra	Verão, praia, observar a natureza, hospedagens, locais com boa infraestrutura.

	fazer atividades ao ar livre e costumam ter hábitos locais	praia, o sol e o mar			
A pesca cooperativa	Observam a pesca, alguns sabem sobre a interação do pescador com o boto e compram os peixes dos pescadores Amigos dos Botos	Alguns conhecem e descrevem como acontece a pesca cooperativa e veem grande potencial em ambos os municípios em torno da barra	Enquanto esperam a comida, os turistas perguntam o que está acontecendo do outro lado da barra, e recebem explicações de quem conhece. Consomem os peixes da pesca local, e o preferido é a tainha, que também compram dos Amigos dos Botos	A pesca é principal fonte de renda da maioria dos pescadores. E sua interação com os botos é de extrema importância, pois eles conseguem tirar mais peixes com menor número de arremessos de tarrafa.	Pescadores Amigos dos Botos são cadastrados e mensalmente ajudam a monitorar a pesca.
Turismo de Base Comunitária	Gostam da ideia e incentivariam a proposta.	Gostam da ideia e incentivariam a proposta.	A maioria gosta da ideia de serem protagonistas do TBC.	Pescadores Amigos dos Botos estão dispostos a ajudar, contando suas histórias para os visitantes.	Gosta da ideia e seria incentivador da proposta.
Prática de esportes na barra	Alguns praticam a caminhada, mas grande parte apenas observa ao entorno. Alguns percebem a prática de esportes ilegais na orla	A prática de esportes em ambos os municípios é vista como oportunidade para o ecoturismo, porém tem que ser mais explorada	Essa questão não foi levantada com os donos de restaurantes	Mencionam que existem muitas coisas ilegais na barra, mesmo tendo leis que inibem certos esportes, pois afastam os botos	Existem ainda práticas ilegais, pois a fiscalização não é frequente, porém os botos se afastam do local com as leis recentes.
Fragilidades da barra	Falta infraestrutura e divulgação do que acontece nos municípios. O escoamento do esgoto exala cheiro ruim.	Falta infraestrutura e divulgação visível nas praias de Tramandaí e Imbé. O esgoto que escoo no rio e no mar é preocupante e pode haver	Falta de infraestrutura, escoamento do esgoto, fiscalização frequente. Os Amigos dos Botos são fáceis de identificar, por causa de suas roupas,	Falta de infraestrutura, fiscalização frequente, divulgação. Preocupam a construção da nova ponte entre os municípios de Tramandaí e	Falta infraestrutura, escoamento do esgoto, fiscalização frequente. Projeto da nova ponte entre Tramandaí e Imbé, lixo, poluição

		algum acidente de vazamento de óleo, devido à presença da Transpetro	porém não usam diariamente.	Imbé, o lixo, a poluição sonora, <i>jet-ski</i> , barcos que fazem arrastão (afastam os botos). A “Praça dos Botos”, sem manutenção, parece abandonada.	sonora, <i>jet-ski</i> , barcos que fazem arrastão. Legislação da pesca não é cumprida. Legislação do TBC ainda não existe.
Potencialidades da barra	Grande atrativo turístico são as praias na temporada de veraneio. Visitantes frequentam a barra também em diferentes épocas do ano.	Atrai turistas de diversos municípios do Rio Grande do Sul; no verão as praias estão com maior circulação de pessoas. Grande potencial de transformar a barra de Imbé em centro gastronômico.	Grande atrativo turístico são o verão nas praias e alguns eventos, além de feriados.	Os visitantes são curiosos e muitas vezes chegam próximos dos pescadores para saber mais sobre a pesca e a interação com os botos.	A equipe do projeto Botos da Barra recebe grupos de estudantes (escolas do município e arredores) na beira da praia. O projeto já apareceu na mídia (TV aberta, rádio local e jornal digital). Foi produzido um documentário sobre a pesca cooperativa.

Fonte: a autora.

8 SUGESTÕES DE AÇÕES PARA IMPLANTAÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC)

Os pescadores enfrentam vários fatores que dificultam a pesca cooperativa, ligados à urbanização, agricultura e pesca industrial. O mais grave é a urbanização de Tramandaí e Imbé, que vem se intensificando com a construção de casas, prédios, estradas e pontes de acesso. Sem planejamento para receber uma infraestrutura adequada, ocorrem perdas territoriais associadas à pesca artesanal, devido à inexistência de uma demarcação e de regras que proporcionem a conservação desses territórios culturais e ambientais.

O Turismo de Base Comunitária pode ser uma atividade turística social e ambientalmente responsável, vinculada à vida dos pescadores, mas também, possibilita a integração com outras atividades econômicas, como a oferta de serviços (ex.: culinária, lazer, passeios etc.) e a produção cultural (ex.: artesanatos, música, teatro, exposições, entre outras).

Por ser uma atividade turística ainda recente, o Turismo de Base Comunitária precisa ter o envolvimento da comunidade pesqueira e moradores de ambos os municípios, além de empresários, organizações não governamentais, associações comunitárias, universidades e poderes Legislativo e Executivo, para que juntos possam elaborar planejamento estratégico. Assim, Tramandaí e Imbé poderão valorizar a cultura tradicional pesqueira, empoderar as comunidades e conservar a biodiversidade e a sociodiversidade.

Uma ação importante pode ser a realização de oficinas com os atores envolvidos, no intuito de capacitá-los e incentivá-los a aplicar o conhecimento sobre o Turismo de Base Comunitária na barra. Além disso, juntamente com a equipe do projeto Botos da Barra, será possível sua participação na elaboração da Matriz SWOT³. Esse instrumento possibilita levantar pontos fortes e fracos da área de estudo e da comunidade, comparando com dados desta pesquisa e de outros estudos, além de embasar a proposição de iniciativas relacionadas ao Turismo de Base Comunitária.

³ Matriz SWOT ou Matriz FOFA é uma técnica de planejamento estratégico utilizada para auxiliar pessoas ou organizações a identificar: forças (pontos fortes), oportunidades (o que está ocorrendo agora de forma positiva), fraquezas (pontos fracos) e ameaças (o que está acontecendo atualmente) relacionadas à competição em negócios ou planejamento de projetos. (Fonte: KOTLER, 2000)

Todos os públicos entrevistados comentam que os turistas e moradores deveriam receber mais informações sobre a pesca cooperativa na Barra do Rio Tramandaí – por meio de cartazes, placas, banners, outdoors com a história da interação entre os pescadores artesanais e os botos – para que todos os frequentadores da barra pudessem ler e interagir. Assim, seria possível criar identidade e vínculos afetivos entre os visitantes e a comunidade de pescadores artesanais e o meio ambiente. Isso permitiria obter uma nova experiência, voltada para o desenvolvimento histórico, tradicional e cultural da área de estudo.

Outra iniciativa importante é a promoção de ações multidisciplinares, também voltadas à hospitalidade, visando fomentar o Turismo de Base Comunitária e possibilitar que os moradores se apropriem da atividade turística na barra.

Todos os entrevistados falam da importância de uma infraestrutura adequada para receber melhor o turista, porém poucos pensam na relevância de um estudo aprofundado sobre os possíveis danos ao meio ambiente. Para que o Turismo de Base Comunitária se concretize, o essencial é criar um elo com a comunidade, levando capacitação e apoio para a criação de locais apropriados de visitação e hospitalidade.

Analisando as entrevistas, é necessário investir fortemente na infraestrutura, por meio de empreendimentos coletivos e individuais, além de oficinas e feiras que aproximem o visitante (morador ou turista) da cultura pesqueira, incluindo artesanatos, teatro, música e outros elementos culturais.

A mobilização da comunidade com o TBC poderá levar as pessoas a modificarem seus hábitos de consumo e locomoção, criando também uma extensão de ciclovias e passeios públicos para transeuntes.

No lado da barra de Tramandaí, a “Praça dos Botos” pode se tornar um local aconchegante e cultural, com alguns quiosques apropriados para a comercialização de peixes frescos dos pescadores Amigos dos Botos. A integração entre TBC e a pesca cooperativa pode contribuir para a inclusão das famílias dos pescadores, incentivando a participação no beneficiamento e na venda do pescado, na exposição de artesanatos e outras atividades. Pode-se planejar a existência de espaços de observação, com bancos para as pessoas poderem observar a pesca. Assim, os visitantes poderão conhecer um pouco dos hábitos e da história dessa comunidade tradicional.

Ambos os lados da barra podem contar com melhorias, como lixeiras para a separação do lixo e banheiros fixos, contando com a ajuda e o cuidado da própria comunidade e dos gestores públicos.

Em termos de gastronomia local, poderá ser realizada uma feira de peixes e artesanatos – eventos similares acontecem anualmente em diversas partes do Brasil. Geralmente, a procura maior é na Sexta-Feira Santa. Em Tramandaí, esse tipo de feira ocorre na entrada da cidade, junto ao Estádio Municipal, na Avenida Fernandes Bastos. Sugere-se realocar a feira na Barra, talvez simultaneamente com outros eventos (ex.: comemoração do aniversário de 10 anos do projeto Botos da Barra). Outra iniciativa importante é a formação de parcerias com restaurantes da barra para a compra de peixes dos pescadores Amigos dos Botos. Também podem ser criados pratos exclusivos e típicos do local. Os restaurantes participantes poderiam receber um selo para informar os clientes da sua relação com a pesca cooperativa: “Estabelecimento Parceiro dos Amigos dos Botos”.

Podem ser criados diversos produtos relacionados ao projeto Botos da Barra, com parceria de artesãos e serigrafias, como: bonés, camisetas, chaveiros, entre outros itens, que possam ser vendidos para ajudar na renda das famílias da comunidade tradicional local e do projeto.

Para disseminar a informação sobre o que acontece na barra, poderia se propor um projeto de Turismo de Base Comunitária itinerante, utilizando um veículo antigo adaptado (ex.: Kombi). Assim, seria possível levar o conhecimento sobre a pesca cooperativa para diferentes locais. A “Kombi do Boto”, projetada especialmente para visitação a escolas da região, levaria informaçoes, filmes, documentários, músicas, exposi oes, conta o de histórias e outras atividades. Pode-se estabelecer parcerias com as escolas, visando a forma o docente e discente sobre a pesca cooperativa e o Turismo de Base Comunitária, sobretudo por meio da realiza o de sa idas de campo. Outra proposi o   a elabora o de um jogo eletr nico que engaje as pessoas, aproximando-as da história da pesca cooperativa.   possível desenvolvê-lo em parceria com alguma escola ou faculdade que tenha curso com disciplinas de programa o.

Por fim, sugere-se o contato com comunidades nas quais o TBC está implantado e fortalecido, visando a troca de experiências e o aprendizado para a aplica o na barra do Rio Tramandaí.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do problema de pesquisa, expresso na pergunta “*Como pode se tornar a pesca colaborativa em Turismo de Base Comunitária?*”, considera-se que o TBC é uma modalidade de turismo que visa o bem-estar das comunidades tradicionais, com geração de renda, desenvolvimento socioambiental e, principalmente, a conservação da natureza no local em que se vive ou visita. O protagonista desse tipo de turismo é a comunidade, que recepciona aquele que chega para conhecer mais sobre a história local por meio da vivência de experiências.

Afirma-se que é necessário investir na infraestrutura no entorno da barra do Rio Tramandaí, para que possa haver uma reeducação em relação ao cuidado com o local.

Percebeu-se que os deslocamentos entre as cidades de Tramandaí e Imbé podem ser realizados, muitas vezes, a pé, de bicicleta, ou ônibus (transporte público) – apesar das deficiências desse último. Existem também problemas nas calçadas, ruas mal iluminadas, sem muitos espaços próprios para a locomoção segura das pessoas.

Ao ter contato direto com todos os envolvidos na pesca cooperativa, através das entrevistas, compreendeu-se claramente a importância dessa atividade na vida de diferentes pessoas. Todos estes dados foram fundamentais para que fossem identificadas as fragilidades e as potencialidades da barra de Tramandaí e Imbé. A implantação do TBC na área pode começar valorizando o período correspondente à safra da tainha (março a maio), uma vez que não coincide com o intenso movimento de visitantes durante os meses de verão. É necessário mobilizar munícipes, visitantes e gestores públicos para aproximá-los dos pescadores artesanais, visando tornar ambos os municípios mais sustentáveis.

A partir das observações e das entrevistas, é notável que as pessoas precisam tomar conhecimento do que acontece na barra do Rio Tramandaí. Além de divulgar, é necessário organizar oficinas e palestras sobre a pesca cooperativa com os botos, levar o projeto Botos da Barra para mais escolas e eventos, assim como fazer publicações em redes sociais de apoiadores e outros meios de comunicação.

Por fim, após todos estes meses de pesquisa, é possível afirmar que o Turismo de Base Comunitária pode ser implantado na barra do Rio Tramandaí com os pescadores artesanais como protagonistas. Ainda que esse tipo de turismo seja pouco conhecido do público em geral, os princípios do Turismo de Base Comunitária fazem parte da realidade da área de estudo. Além disso, existem pessoas (físicas e jurídicas) dispostas a apoiar a ideia, ajudando em suas respectivas especialidades/funções.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, E. de O., LOBATO, A. da S., PEREIRA, P. V. V., & SERRA, D. R. de O. (2017). **Caracterização do Turismo de Base Comunitária em Polos Turísticos do Estado do Pará**. Revista Brasileira de Ecoturismo. 2017.
- BARTHOLO, R. et all. Org. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Roberto Bartholo, Davis Gruber Sansolo e Ivan Bursztyn, organizadores. – Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BORGES, Leonardo. **Entenda a diferença entre turismo de aventura, ecoturismo e turismo sustentável**. Autossustentável. 2018.
- BOOKING. **Previsões de Viagem para 2023**. Agosto 2022. Disponível em: <https://www.booking.com/articles/travelpredictions2023.pt-br.html>. Acesso em 15 de novembro de 2022.
- BRASIL, Ministério Público Federal. **Pesca artesanal legal. Pescador da região Sul / Sudeste: conheça seus direitos e deveres**. 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais. – Brasília: MPF, 2017.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília: ministério do Turismo, 2010.
- CAMARGO, Gilson. **Ação humana ameaça botos na Barra do Rio Tramandaí**. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/ambiente/2014/08/acao-humana-ameaca-botos-na-barra-do-rio-tramandai>. Acesso em 15 de novembro de 2022.
- CAMARGO, Yuri R. **A Percepção Ambiental dos Usuários da Barra do Rio Tramandaí sobre o Boto da Barra, Tursiops sp. (Cetartiodactyla: Delphinidae)**. UFRGS, 2014.
- CASTRO, D.; MELLO, R. S. P. (Org.). **Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí: Atlas Ambiental**. Porto Alegre: Via Sapiens. 2013.
- CASTRO, Dilton; MELLO, Ricardo S. P. (Org.). **Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí**. Porto Alegre, 2019. 2ª edição, revista e atualizada. 2019. Disponível em: http://taramandahy.org.br/livros-upload/Atlas_Ambiental_2a-edicao_2019_site-final.pdf. Acesso em: 04 de novembro de 2022.
- CECLIMAR/UFRGS. **Projeto Botos da Barra**. UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ceclimar/projeto-botos-da-barra>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.
- CHRISTMANN, Kevin Stacke. **A Dinâmica da pesca de tarrafa e a influência do Boto-Delahille Tursiops gephyreus LAHILLE, 1908 na Barra do Rio Tramandaí (RS)**. UFRGS 2022.

COLÔNIA, Projeto Acolhida na. **Projeto Acolhida na Colônia: Sobre**. Disponível em: <https://acolhida.com.br/sobre>. Acesso em: 04 de dezembro de 2022.

CORIOLOANO, L. N. M. T. BARTHOLO, R.; SANSEOLO, D. G; BURSZTYN, I. (Org.) **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Geografia do Turismo: de Lugares a Pseudo - lugares**. São Paulo: Roca, 2007. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 206–209, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/3007>. Acesso em: 03 nov. 2022.

Cunha, A.M. **Turismo rural de base comunitária: a experiência de Santo Antônio da Patrulha (RS)**. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.7, n.4, nov2014-jan2015, pp.750-761.

DALPAZ, Larissa. **Jogamos fora 40% do que é pescado no mundo. A pesca acidental ou “bycatch”**. Conexão Planeta. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/jogamos-fora-40-do-que-e-pescado-no-mundo-alertam-cientistas-sobre-pesca-acidental-ou-bycatch>. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

DECRETO nº 6040/2007. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 06 fevereiro. 2023.

DE PAULA, C. Q. **A pesca artesanal na geografia brasileira: impactos / conflitos, ambientes / territórios**. Rev. Para Onde!? V.1 n.1, 2019.

EMATER/RS. **Pesca profissional artesanal**. Emater/RS-Ascar. Agosto 2012. Folder 1000 exemplares.

EMBRAPA. **Pesca artesanal brasileira. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos**. 2014. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/995345/pesca-artesanal-brasileira-aspectos-conceituais-historicos-institucionais-e-prospectivos>. Acesso em: 19 abril 2022.

FABRINO, Nathália H. **Turismo de Base Comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos**. Universidade de Brasília- Tese Mestrado. Brasília, 2013.

FAO. **The State of World Fisheries and Aquaculture 2022. Towards Blue Transformation**. Rome, FAO, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4060/cc0461en> Acesso em: 26 de dezembro 2022.

FUNDAJ. **Povos e comunidades tradicionais**. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/povos-e-comunidades-tradicionais/>. Acesso em 04 de outubro 2022.

GANZAROLLI, Léo. **Seis lugares para se fazer Turismo Comunitário no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://vivejar.com.br>. Acesso em 04 de outubro 2022.

IBGE. **Cidades e Estados: Tramandaí e Imbé**. Dados de 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 20 de outubro 2022.

IBIO, Instituto Bio Atlântica. **Manual Caiçara de Ecoturismo**. 2018. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cairucu/images/stories/downloads/manual-ecoturismo-comunitaria.pdf>. Acesso em 08 de outubro 2022.

ILHA, Elisa. et.al. **Guia de Apoio Pedagógico. Interação entre pescadores, botos e tainhas**. Porto Alegre UFRGS, 2018.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin L. **Administração de Marketing**. Ed12. Pearson, 2007.

LEI. **Conservação da natureza**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm Acesso em 04 de outubro 2022.

LEI. **Pesca**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11959.htm. Acesso em 08 de outubro 2022.

LEI. **Plano Diretor de Imbé**. <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/i/imbe/lei-ordinaria/2013/147/1474/lei-ordinaria-n-1474-2013-dispoe-sobre-a-revisao-da-lei-1072-2007-que-trata-do-plano-diretor-de-desenvolvimento-urbano-ambiental-de-imbe-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em 06 de fevereiro 2023.

LEI. **Plano Diretor de Tramandaí**. <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-tramandai-rs> Acesso em 06 de fevereiro 2023.

LEI. **Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado da Bahia**. Disponível em: <https://cpisp.org.br/lei-ordinaria-no-14-126-de-24-de-setembro-de-2019>. Acesso em 24 de outubro 2022.

LEI. **Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado de Goiás**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/go/lei-ordinaria-n-21052-2021-goias-institui-a-politica-estadual-de-turismo-de-base-comunitaria-no-estado-de-goias-e-da-outras-providencias>. Acesso em 24 de outubro 2022.

LEI. **Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado do Maranhão**. Disponível em: <https://arari.ma.gov.br/legislacao/leis/lei-municipal-no-098-2021/> Acesso em 24 de outubro 2022.

LEI. **Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado do Minas Gerais**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=407613>. Acesso em 24 de outubro 2022.

LEI. **Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado do Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=357286>. Acesso em 24 de outubro 2022.

LEI. **Política Estadual de Turismo Comunitário no Estado de São Sebastião.** www.portaldocidadao.tce.sp.gov.br. Acesso em 24 de outubro 2022.

LEI. **Reconhecimento como de relevante interesse cultural do Estado do Rio Grande do Sul a Pesca Cooperativa entre pescadores artesanais na Bacia do Rio Tramandaí.** Disponível em: <https://leiestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-15546-2020-rio-grande-do-sul-reconhece-como-de-relevante-interesse-cultural-do-estado-do-rio-grande-do-sul-a-pesca-colaborativa-entre-pescadores-artesanais-e-botos-na-bacia-do-rio-tramandai>. Acesso em 08 de outubro 2022.

MACFADYEN, G.; Huntington, T.; Cappell, R.; FAO, Rome (Italy). Fish Products and Industry Div. [Corporate Author] FII [Corporate Author]. **Abandoned, lost or otherwise discarded fishing gear.** FAO and UNEP, 2009.

MAMIRAUÁ, Instituto de Desenvolvimento Sustentável. **Programa de Turismo de Base Comunitária.** Disponível em: www.mamiraua.org.br. Acesso em 04 de dezembro 2022.

MAMIRAUÁ, Instituto de Desenvolvimento Sustentável. **Institucional. Instituto Mamirauá.** Disponível em: www.mamiraua.org.br. Acesso em: 04 de dezembro de 2022.

MARINHA, Brasil. **Dia mundial da limpeza.** Disponível em: www.marinha.mil.br. Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

MMA (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE). **Diretrizes para visitação em unidades de conservação.** Brasília, 2006. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/ascom_boletins/_arquivos/livro.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2022.

MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário); MMA (Ministério do Meio Ambiente); **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Plano Nacional de Produção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade.** Brasília, 2009. Disponível em: http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/PLANO_NACIONAL_DA_SOCIOBIODIVERSIDADE-_julho-2009.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2022.

NASCIMENTO, Felipe G.; LIMA, Gustavo F. C. **Turismo de Base Comunitária como alternativa para o desenvolvimento Rural: A experiência da comunidade de Chã de Jardim, Areia – PB.** Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. PRODEMA, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44671024/TURISMO_DE_BASE_COMUNIT%C3%81RIA_COMO_ALTERNATIVA_PARA_O_DESENVOLVIMENTO_RURAL_A_EXPERI%C3%81NCIA_DA_COMUNIDADE_DE_CH%C3%83_DE_JARDIM_AREIA_PB. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

GRUPA, ong. **Paraíso caiçara.** 2018. Disponível em: <https://garupa.org.br/guia-garupa/praiacastelhanos-tbc>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

- PUGEN, Bianca. **Gestão de evento turístico: Um estudo organizacional sobre a Festa Nacional do Peixe.** Mestrado, UCS, 2018
- SALVATI, Sérgio S. [org] / **Turismo Responsável- Manual para Políticas Públicas.** Brasília, DF, WWW Brasil, 2004.
- GRIMM, I. J., & Sampaio, C. A. C. (2011). **Turismo de base comunitária: convivencialidade e conservação ambiental.** *Brazilian Journal of Environmental Sciences (Online)*, (19), 57–68. Retrieved from https://www.rbciamb.com.br/Publicacoes_RBCIAMB/article/view/362
- SILVA, Michel Jairo Vieira da. **Segregação socioespacial e turismo: estudo da representação fílmica criada pelos turistas e residentes sobre Natal Rio Grande do Norte.** 2011. 182 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Desenvolvimento Regional e Gestão em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2011.
- SOUZA, Marcelino de; KLEIN, Ângela Luciane; RODRIGUES, Renata Gonçalves. **Turismo Rural: Conceitos, tipologias e funções.** UFRGS, 2019. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193834/001092646.pdf. Acesso em 05 de novembro de 2022.
- TERCEIRO, Abraão Martins. **Conhecendo a pesca artesanal em Tramandaí e Imbé – RS: Distribuição espacial e desafios.** UFRGS, Ciência e Natura, Santa Maria v.39 n.2, 2017, Mai - Ago, p. 341– 351
- VIESSERI, Bruna. **Projeto de nova ponte entre Imbé e Tramandaí pode impactar botos ameaçados em extinção e preocupa pesquisadores.** Jornal ZH, 21 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2022/01/projeto-de-nova-ponte-entre-imbe-e-tramandai-pode-impactar-botos-ameacados-de-extincao-e-preocupa-pesquisadores-ckyorx3o8007n0188p14b9yzh.html>. Acesso em 20 de outubro de 2022.
- Young NM, Iudicello S. **Worldwide Bycatch of Cetaceans - An evaluation of the most significant threats to cetaceans, the affected species and the geographic areas of high risk, and the recommended actions from various independent institutions.** NOAA Technical Memorandum NMFS, 2007.

APÊNDICE A

Quadro 1- Roteiro entrevista para turistas e moradores, frequentadores da barra do Rio Tramandaí	
Nome:	/ Idade: / Sexo: / Escolaridade: / Ocupação (Formação):
Moradia	
1- Município de residência (1ª moradia) / Imbé ou Tramandaí é a 2ª residência?	
Hábitos de viagem	
2- Costuma visitar a cidade com frequência? Com qual frequência?	
3- Visita locais próximos? Quais?	
4- Meio de transporte (assinale até duas opções)	
6- Meio de hospedagem	
Motivações principais quando viaja	
7- Vivência hábitos e costumes locais? Quais?	
8- Gostaria de fazer troca de experiências e aprendizados durante a visita?	
9- Tem interesse pelo conhecimento da história e da cultura do local visitado? Por quê?	
10- Gosta do contato com a natureza? Por quê?	
11- Características valorizadas em uma viagem (mais de uma opção)	
4ª Categoria: Barra de Tramandaí e de Imbé	
12- É a primeira vez que você vem à Barra?	
13- Se a resposta for não, você vem com frequência à Barra de Imbé?	
14- Como você conheceu a Barra?	
15- Por qual(is) motivo(s) que você vem até a Barra? (mais de uma opção)	
5ª Categoria: Pesca Cooperativa na Barra de Tramandaí e Imbé	
16- Você conhece a interação que existe entre os Botos da Barra e os pescadores locais?	
17- Se sim, como acontece essa interação entre o boto e o pescador? Contar com suas palavras:	
18- Você participaria de uma atividade que aprendesse sobre a pesca cooperativa? Por quê?	
19- Você participaria de uma atividade em que você conhecesse e aprendesse sobre os animais que habitam a Barra? Por quê?	

20- Se tivesse um local na Barra que vendesse os peixes da pesca cooperativa, você compraria? Por quê?

21- Você daria preferência para frequentar os restaurantes locais que servissem os peixes da pesca cooperativa? Por quê?

22- Você pratica algum esporte na Barra ou próximo a ela? Quais?

23- Você já viu alguém praticando algum esporte na Barra ou próximo a ela? Quais?

24- Você tem conhecimento do que pode ser ilegal e que ocorre na Barra? Quais práticas você acha que são ilegais e por quê?

APÊNDICE B

Quadro 2 – Roteiro de entrevista com proprietários de restaurantes da barra de Imbé

Nome: / Idade: / Empresa: / Função:

1- Em qual(is) dia(s) da semana há maior movimento no restaurante?

2- Quais são os meses de maior movimento no restaurante?

3- Quando existe algum evento ou feira na cidade de Imbé ou Tramandaí, aumenta o movimento no restaurante?

4- O movimento maior é no verão, no feriado ou quando há um evento/feira?

5- Os peixes da região fazem parte do cardápio do restaurante?

6- Que tipos de peixes são os preferidos dos clientes?

7- Qual empresa fornece os peixes para o consumo no restaurante?

8- No restaurante, também são comprados peixes dos pescadores?

9- Você conhece os pescadores que praticam a pesca cooperativa com os botos (Amigos do Boto)? Se sim, como conheceu?

10- Você sabe como acontece a interação entre o boto e o pescador? Contar com suas palavras:

11- Você compraria peixe desses pescadores?

12- O que você precisaria para realizar a compra direta e fazer parceria com as Amigos do Boto?

13- Você já ouviu falar sobre Turismo de Base Comunitária?

14- O que você pensa sobre a possibilidade de implantar o Turismo de Base Comunitária na Barra de Imbé/Tramandaí?

15- Como você acha que poderia aumentar o Turismo na Barra e que possa unir a pesca cooperativa com os Botos?

APÊNDICE C

Quadro 3 – Roteiro de entrevista com empresários do ramo turístico de Tramandaí e Imbé

Nome: / Idade: / Empresa- Entidade: / Função:
1- Há quanto tempo está no ramo do turismo?
2- O que mais chama os turistas para a cidade?
3- No seu ponto de vista, o que precisaria para que os turistas viessem com mais frequência à cidade?
4- Como sua empresa vende o turismo?
5- Qual é a perspectiva de ocorrer um turismo sustentável na região?
7- Você conhece a pesca cooperativa com os botos? Fale com suas palavras como ocorre essa interação:
8- Você já ouviu falar sobre Turismo de Base Comunitária?
9- O que você pensa sobre a possibilidade de implantar o Turismo de Base Comunitária na Barra de Imbé/Tramandaí?
10- Como você acha que poderia aumentar o Turismo na Barra e que pudesse unir a pesca cooperativa com os Botos?
11- Você (empresa) faria parceria com o Projeto Botos da Barra para implementar o Turismo de Base Comunitária em Tramandaí e Imbé? De que forma poderia ajudar?

APÊNDICE D

Quadro 4 – Roteiro de entrevista com os pescadores “Amigo do Boto”	
Nome:	/ Idade:
1- Há quanto tempo você pesca?	
2- Há quanto tempo está cadastrado no Projeto Botos da Barra como Amigo do Boto?	
3- Como aconteceu o convite para ser o Amigo do Boto?	
4- Como você vende seu peixe hoje?	
5- Antes de você participar do projeto, como eram feitas as vendas?	
6- Sua renda é somente vinda da pesca? Qual outra renda você possui?	
7- O que poderia melhorar na Barra para ajudar os pescadores?	
8- Você já ouviu falar sobre Turismo de Base Comunitária?	
9- O que você pensa sobre a possibilidade de implantar o Turismo de Base Comunitária na Barra de Imbé/Tramandaí?	
10- Como você acha que poderia aumentar o Turismo na Barra e que possa unir a pesca cooperativa com os Botos?	
11- Como você se vê sendo o protagonista do Turismo de Base Comunitária e como poderia ajudar?	
12- Comente um pouco sobre como você se vê no futuro.	
13- Você acha que os seus filhos vão continuar trabalhando com a pesca? Por quê?	
14- Como você vê a pesca cooperativa no futuro?	

APÊNDICE E

Quadro 5 – Roteiro de entrevista com o coordenador do Projeto Botos da Barra		
Nome:	/ Idade:	/Formação:
1-Há quanto tempo existe o projeto Botos da Barra?		
2- Há quanto tempo você coordena o projeto?		
3- Como aconteceu o envolvimento com projeto?		
4- O que você acha que poderia melhorar na Barra para ajudar os pescadores?		
5- O que você pensa sobre a possibilidade de implantar o Turismo de Base Comunitária na Barra de Imbé/Tramandaí?		
6- Como você acha que poderia aumentar o turismo na Barra e que pudesse unir a pesca cooperativa com os botos?		
7- Em quais épocas os botos aparecem?		
8- Em quais épocas os pescadores conseguem pegar mais peixes? Quais tipos são mais pescados?		
9- Como você vê a pesca cooperativa no futuro?		
10- Existe o projeto TAMAR que monitora as tartarugas através de teletrometria - o rastreamento por satélite- e o monitoramento de golfinhos na Flórida. Existe a possibilidade de fazer o mesmo com os botos?		
11- Qual é a possibilidade de haver bancas com feiras nos finais de semana para vendas de peixes, artesanatos e itens como camisetas, bonés etc. na Barra?		
12- Acha que conseguimos com o poder público liberação para que de fato possa ocorrer a feira?		
13- Quais meios hoje são feitos a divulgação do Projeto? Quem cuida da parte da divulgação hoje?		
14- De quais outras formas poderiam ser divulgadas o projeto?		